

*Instituto Superior de Psicologia Aplicada*



**“AINDA SOMOS AMIGOS?”  
A ESTABILIDADE DAS RELAÇÕES DE AMIZADE DE CRIANÇAS DO PRÉ-ESCOLAR**

**Joel da Silva Santos**

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

**Mestre em Psicologia Aplicada**  
Especialidade em Psicologia Educacional

2008

*Instituto Superior de Psicologia Aplicada*

“AINDA SOMOS AMIGOS?”

A ESTABILIDADE DAS RELAÇÕES DE AMIZADE DE CRIANÇAS DO PRÉ-ESCOLAR

**Joel da Silva Santos**

Dissertação orientada por: Prof. Dra. Manuela Veríssimo

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

**Mestre em Psicologia Aplicada**

Especialidade em Psicologia Educacional

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Manuela Veríssimo, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Educacional conforme o despacho da DGES, n.º 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro de 2006.

## Agradecimentos

Agradeço a todos os participantes do estudo financiado pela F.C.T (POCTI/PSI/46739/2002,\_PTDC/PSI/66172/2006), do qual pude aceder aos dados para realizar este estudo.

Quero agradecer às professoras Manuela Veríssimo e Glória Ramalho pelo apoio, sentido crítico, suporte e, sobretudo, pela óptima orientação. E a todos os professores que me acompanharam e sempre me apoiaram.

Aos meus colegas de curso e aos meus amigos pelo apoio, suporte, disponibilidade e boa disposição. À minha família e ao André, a quem dedico este estudo como prova da minha dedicação e empenho.

A todos um muito obrigada.

## RESUMO

O objectivo deste presente trabalho foi verificar se existe estabilidade em algumas medidas sociométricas e entre elas (nomeadamente as nomeações e a comparação de pares) e se essa estabilidade também se verifica nas relações de amizade de crianças do pré-escolar. A estabilidade destas amizades foi observada através da análise comparativa de sociogramas das nomeações enquanto que a estabilidade das medidas foi verificada através de correlações de Pearson.

Numa amostra total de 232 crianças com idade dos 3 aos 6 anos (um grupo de 3 anos, quatro grupos de 4 anos, quatro grupos de 5 anos e dois grupos de 6 anos), pôde-se verificar que existe, de facto, estabilidade nas medidas e entre elas (quando uma criança é nomeada num ano, também o é nos anos seguintes). Contudo esta estabilidade não se mantém nas relações de amizade das crianças, apesar de se poder verificar que o número de amizades recíprocas aumenta com a idade tal como aumenta a consistência nas medidas.

**Palavras-chave:** sociometria, estabilidade e amizades

## ABSTRACT

The purpose of this work was to verify if there is stability in some sociometric measures (nomination and paired-comparison) and if that stability also remains in friendship relations of preschooler. The stability of this friendship as been checked with the comparative analysis of nominations sociograms, while the measures stability was checked through the Pearson correlations.

In a sample of 232 children with ages between 3 and 6 years old (one group of 3 years, four groups of 4 years, four groups of 5 years and two groups of 6 years), we can check that, in fact, exists stability in measure and between them (when a child is nominated in one year, is also in subsequent year). However, this stability do not remains on friendship relations of this children, despite being able to verify that the number of reciprocal friendships increases with age as increasing the consistency in the measures.

**Key-word: sociometry, stability and friendships**

## **ÍNDICE**

<b>Introdução</b>	<b>1</b>
<b>As Relações entre Pares</b>	<b>4</b>
<b>As Amizades</b>	<b>5</b>
<b>Importância para o Desenvolvimento</b>	<b>5</b>
<b>Características Gerais</b>	<b>7</b>
<b>Pré-escolar</b>	<b>8</b>
<b>Sociometria e Estabilidade</b>	<b>10</b>
<b>Metodologia</b>	<b>14</b>
<b>Resultados e Análise dos Resultados</b>	<b>15</b>
<b>Discussão</b>	<b>44</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>48</b>
<b>Anexos: tabelas sumárias das amizades e inimizadas recíprocas</b>	<b>51</b>



## Lista de Tabelas

Tabela 1: correlação das medidas sociométricas	16
--	----

## Lista de Figuras

Figura 1: Sociograma das nomeações positivas MA A 2004/2005	18
Figura 2: Sociograma das nomeações positivas MA A 2005/2006	19
Figura 3: Sociograma das nomeações negativas MA A 2004/2005	20
Figura 4: Sociograma das nomeações negativas MA A 2005/2006	21
Figura 5: Sociograma das nomeações positivas MA B 2004/2006	23
Figura 6: Sociograma das nomeações positivas MA B 2005/2006	24
Figura 7: Sociograma das nomeações positivas MA B 2006/2007	25
Figura 8: Sociograma das nomeações negativas MA B 2004/2005	26
Figura 9: Sociograma das nomeações negativas MA B 2005/2006	27
Figura 10: Sociograma das nomeações negativas MA B 2006/2007	28
Figura 11: Sociograma das nomeações positivas NA A 2003/2004	30
Figura 12: Sociograma das nomeações positivas NA A 2004/2005	31
Figura 13: Sociograma das nomeações positivas NA A 2005/2006	32
Figura 14: Sociograma das nomeações negativas NA A 2003/2004	33
Figura 15: Sociograma das nomeações negativas NA A 2004/2005	34
Figura 16: Sociograma das nomeações negativas NA A 2005/2006	35
Figura 17: Sociograma das nomeações positivas NA B 2004/2005	37
Figura 18: Sociograma das nomeações positivas NA B 2005/2006	38
Figura 19: Sociograma das nomeações positivas NA B 2006/2007	39

<b>Figura 20: Sociograma das nomeações negativas NA B 2004/2005</b>	<b>40</b>
<b>Figura 21: Sociograma das nomeações negativas NA B 2005/2006</b>	<b>41</b>
<b>Figura 22: Sociograma das nomeações negativas NA B 2006/2007</b>	<b>42</b>

## INTRODUÇÃO

A criança ao longo de todo o seu desenvolvimento vai interagindo com diversos objectos e pessoas externos a ela. Através destas interacções, desenvolve-se, entre outros aspectos, o seu percurso de socialização. Neste sentido, a família é o primeiro contexto de socialização da criança. A mãe, o pai e os irmãos (e outros elementos que possam estar diariamente no ambiente da criança) são as primeiras pessoas com quem a criança interage e socializa.

Contudo este não é o único contexto. Com a emergência de deveres sociais e outros (licença de parto curta, emprego, etc.), as crianças são cada vez mais cedo inseridas em outros contextos que não o familiar, nomeadamente amas, creches, jardim-de-infância e, posteriormente, a escola regular. Nestes outros contextos a criança interage com outras crianças iguais a ela, criando-se um novo contexto de socialização no qual encontramos o grupo de pares e as amizades.

Perante tais situações de socialização, as crianças veêm-se obrigadas a recorrer a várias estratégias para criar e/ou despertar a atenção social dos pares (Santos, Vaughn & Bonnet, 2000). Estas estratégias podem ser mais ou menos eficazes, determinando a adaptação da criança ao grupo de pares (Santos et al., 2000).

Desde modo, o grupo de pares torna-se um dos contextos mais saliente nos quais a criança está envolvida (Bukowski, Newcomb & Hartup, 1996; Hartup, 1983, 1996), de tal modo que estes grupos de pares podem mesmo rivalizar e exceder a influência das relações com os pais e com outros adultos (Hartup, 1983). Ainda, e para além disso, o grupo de pares pode oferecer mais possibilidades de co-construção de relações com uma criança (ou mais) específica, que tenha base na afiliação e nas estruturas dominantes do grupo (Howes, 1988, 1996).

Neste sentido existe uma relação (não de causa-efeito) entre as relações de amizade e o desenvolvimento, aprendizagem e competências sociais das crianças, pois, tal como Newcomb e Bagwell (1996) apontam, a habilidade das crianças em criar relações positivas com pares representa uma importante componente do desenvolvimento social (...) sendo as de maior interesse o fenómeno das amizades.

Por isso é que as amizades têm tido a atenção de muitos investigadores, por estas terem uma importância especial em aspectos tais como o desenvolvimento e o ajustamento social (Howes, 1983). Contudo, para considerar as amizades como um fenómeno importante e significativo para o desenvolvimento da criança é preciso considerar a forma como as crianças estabelecem e mantêm as suas amizades.

Este presente estudo vai de encontro a este último ponto, não no sentido de como as crianças estabelecem as suas relações de amizade mas sim no sentido de perceber se mantêm as suas amizades, ou seja, se existe estabilidade nas amizades estabelecidas pelas crianças, não estando em causa o facto da sua importância no desenvolvimento da criança. Aqui, a estabilidade é definida como quando a escolha da criança do(s) seu(s) amigo(s) se mantem no(s) ano(s) seguinte(s).

A escolarização integra as crianças em pares desde tenra idade, o que é consequentemente, uma idade importante para avaliar as aptidões sociais e académicas. As medidas sociométricas são um meio bastante valioso para chegar a este fim (Wasik, 1987). Através de diferentes medidas sociométricas (nomeações, escalas e comparação de pares) é possível verificar e perceber a dinâmica social tais como crianças com mais ou menos amigos, crianças mais populares, etc., e ainda permitem verificar algumas características destas amizades, como a quantidade, a reciprocidade, a influência do género, entre outras.

Apesar das medidas sociométricas terem sido alvo de algumas críticas quanto a sua fiabilidade e validade, muito se tem feito para se rectificar isso através de melhoramentos e adaptações dando maior credibilidade às medidas.

O próprio significado das medidas sociométricas pode ser explorado considerando-se em simultâneo a estabilidade das medidas sociométricas (coerência entre as medidas) e a consistência das nomeações das amizades da criança. Esta consistência implica que as crianças nomeadas sejam nomeadas pelas mesmas crianças e que essa nomeação se mantenham ao longo do tempo. Podendo ser possível, assim, avaliar se a estabilidade das medidas sociométricas é devido a consistência das nomeações das crianças (ou seja, quando estas se mantêm) ou se a posição social é um fenómeno estável apesar das mudanças das nomeações (Bukowski & Newcomb, 1984), isto é as crianças nomeadas continuam a ser nomeadas mas por outras crianças.

Desde modo, com este estudo, pretende-se verificar a estabilidade das relações de amizade de crianças do pré-escolar num determinado período de tempo (dois ou três anos)

através da análise de sociogramas (representação gráfica das nomeações das crianças) e através da estabilidade e consistência das medidas sociométricas, nomeadamente as nomeações e a comparação de pares. Assim, põe-se a hipótese que se houver consistências nas nomeações sociométricas das crianças e estabilidade entre as medidas, então haverá estabilidade nas relações de amizade destas crianças.

Através deste estudo, pretende-se explorar as relações de amizade, que por si só são uma parte significativa na vida de qualquer pessoa e potenciadoras do desenvolvimento da criança, e que logo, a estabilidade destas amizades só pode fortalecer esse desenvolvimento e por isso deveria ou deve ser foco de maior atenção por parte dos pais e dos professores tal como referem alguns autores como Boivin, Tessier e Strayer (1935). Este estudo ainda é relevante por fornecer mais uma prova da fiabilidade das medidas sociométricas, como medidas importantes e necessárias para avaliar e/ou medir as dinâmicas sociais, neste caso, do pré-escolar.

### As Relações entre Pares

Youniss (1980) propõe uma síntese dos pontos de vista de Sullivan (1953) e Piaget (1932) segundo os quais os adultos e os pares desempenham papéis diferentes e ao mesmo tempo complementares quanto à socialização da criança (Boivin, Tessier & Strayer, 1985).

Assim, as relações pais-criança têm uma certa função educativa permitindo à criança integrar as regras sociais. Nas relações com os pares são criadas as condições necessárias, tal como a reciprocidade, para a criança “usar” as regras sociais adquiridas e assim favorecer a uma co-construção mútua de uma realidade social partilhada. Este tipo de relação com os pares é um aspecto importante para a adaptação social da criança pois permite-lhe passar por experiências críticas para o seu desenvolvimento sócio-cognitivo e sócio-afectivo (Boivin et al., 1985).

Hartup (1989) classifica os relacionamentos das crianças em dois tipos: os relacionamentos verticais e os relacionamentos horizontais. Ambos têm características diferentes e servem diferentes funções no desenvolvimento da criança.

Os relacionamentos verticais remetem para a típica relação criança-adulto, na qual há um dos elementos (neste caso o adulto) que detem um maior conhecimento e poder social. Este tipo de relacionamento caracteriza-se por se constituírem por interacções complementares e recíprocas, por proporcionarem segurança, protecção e conhecimento. Estes são relacionamentos que surgem normalmente no primeiro ano de vida da criança.

Nos relacionamentos horizontais, a criança também estabelece relações próximas com outros elementos que, por norma, é outra criança. Ambas detem o mesmo poder social, são relações que se caracterizam por terem um carácter igualitário, com interacções

recíprocas e onde há aprendizagem a nível das aptidões sociais básicas de cooperação e de competição.

Sendo que as relações pais-criança são o primeiro passo para as relações entre os pares, é importante sublinhar que a criança organiza as suas representações das múltiplas relações criança-adulto em três modelos organizacionais distintos: o modelo hierárquico, o modelo independente e o modelo integrador (Howes, 1983).

No modelo hierárquico a relação mãe-criança é preditora da qualidade de todas as outras relações. Já o modelo independente assume que a qualidade de todas as relações é independente uma das outras, tal como as diferentes relações tem diferentes consequências no desenvolvimento. Por fim, o modelo integrador remete para o facto de todas as relações serem integradas num só modelo relacional activo, isto é, todas as relações são complementares umas às outras (Howes, Hamilton & Philipsen, 1998).

Assim, a criança desde muito cedo é confrontada por diversos tipos de relacionamentos aos quais tem de se adaptar, aprendendo e desenvolvendo-se em diversas áreas.

## As Amizades

### *Importância para o desenvolvimento*

Tem-se vindo a referir o facto das relações de amizades das crianças serem importantes para o desenvolvimento de determinados níveis da criança, uma vez que ela vai assistindo activamente ao crescimento do seu próprio repertório de conceitos e de comportamentos. Há autores, tal como Howes (1983) que sugerem que as amizades podem e assumem uma significância emocional não muito desigual na forma, embora a intensidade e a significância desenvolvimental não seja igual, à vinculação parental.

Muitos são os estudos que fazem um ponto entre as amizades, mais especificamente o ter ou não amigos (e quando há, se essas amizades são recíprocas), com as competências sociais, sendo unânime a importância das relações com os pares para o desenvolvimento social da criança (Hartup, 1983).

Porém para confirmar e afirmar que as amizades contribuem para o desenvolvimento das crianças, tem de existir diferenças entre as crianças com amigos e as crianças sem amigos. Neste sentido, há estudos que apontam que as crianças com amigos são mais competentes socialmente, altruístas, menos problemáticas, mais sociáveis, cooperativas,

sensíveis, confidentes e menos solitárias (Hartup, French, Laursen, Johnston & Ogawa, 1993; Newcomb & Bagwell, 1995). Crianças com amigos têm também mais facilidades na expressão emocional e na linguagem verbal (Daniel, Santos & Peceguina, 2002).

O estudo de Howes (1983), no qual observou crianças com idades entre os 40 e 82 meses, também revela um aumento na manipulação de símbolos em crianças com amigos. Esta questão da linguagem é bastante importante porque tal como sugerem Brennen e Mueller (1982) e Garvey (1977) (Howes, 1983), se as interações acontecem com base na mútua compreensão da actividade que está a ser desenvolvida, então as crianças que contam com comportamentos não verbais terão mais limitações em estabelecer amizades do que as crianças com capacidade de representação simbólica.

As crianças com amigos exploram mais o seu ambiente, têm diálogos com mais “vigor”, orientados mutuamente e mais trocas de emoções positivas (Newcomb & Bagwell, 1995). E ainda um melhor rendimento, mais conflitos de mais duração mas que são resolvidos através da resolução do conflito (Hartup et al., 1993) e como tendo uma maior auto-estima (Vaughn, Azria, Krysik, Caya, Bost, Newell & Kazura, 2000). A percepção dos outros (pais e professores) sobre as crianças com amigos também tende a ser melhor, pois as crianças são vistas como mais competentes (ou começam a ser mais competentes) e mais estimadas pelos outros (Lindsey, 2002).

Na literatura e nos estudos empíricos há referências às crianças com amizades recíprocas que se encontram igualmente associadas com as medidas de competência social, uma vez que as crianças com este tipo de amizade têm mais oportunidades de interagir com os pares. Nestas interações há a possibilidade de construir padrões de acção de competências sociais que vão aumentando (Vaughn et al., 2000).

No reverso da medalha temos as crianças sem amigos (pelo menos dentro do contexto em que são avaliadas, pois uma criança que não tem amigos no jardim de infância não quer dizer necessariamente que não tem amigos fora deste), que são crianças apontadas como de risco por estarem mais susceptíveis ao abandono escolar (aqui não nos referimos a crianças muito jovens) (Ullman, 1957), em apresentar problemas de delinquência juvenil (Roff, s.d.; Golden, 1972) ou ainda problemas de saúde mental (Cowen, Pederson, s.d.; Izzo & Trost, 1973) e sobretudo apresentam alguns problemas nas aptidões sociais (Dodge, Coie & Brakke, 1982; Dodge, Schlundt, Schoken & Delogoch, 1983; Gottman, Gonso & Rasmussen, 1975; Gottman, Gonso & Schuler, 1976; Renshaw & Asher,



1983) (cit. em Boivin, Tessier & Strayer, 1985). Ainda neste âmbito, as crianças problemáticas costumam ser as crianças com poucos amigos ou nenhuns amigos (Rutter & Garnezy, 1983; cit. em Hartup, 1996).

As primeiras amizades podem ser comparadas a pequenas experiências nas quais são elaboradas capacidades físicas, sociais e cognitivas (Howes, 1983). Do mesmo modo que os aspectos quantitativos das relações de amizade podem fornecer indicadores importantes de ajustamento ou desajustamento inicial à escola (Ladd & Kochenderfer, 1996).

Fazer e manter amigos requer um equilíbrio entre os aspectos internos do sujeito, que não podem ser esquecidos, pois estes podem influenciar a experiência da amizade e por consequência ter diferentes impactos no desenvolvimento (Hartup, 1996), com aspectos externos e competências sociais. As amizades são uma fonte de desenvolvimento no sentido da criança ter de lidar melhor com o seu egoísmo, encarar as atitudes igualitárias e lidar com os conflitos de forma eficaz, de modo a manter a(s) sua(s) amizade(s) (Sullivan, 1953; cit. em Hartup, 1996).

O adulto tem também o seu papel nas relações de amizade das crianças, distinguindo a ajuda que pode fornecer da interferência directa. Há que ponderar que as crianças são diferentes, sobretudo a nível individual, em que há crianças que gostam mais de estar acompanhadas e outras de estar menos acompanhadas (Rubin, 1983).

#### *Características gerais*

As amizades são um constructo, uma relação com condições e características muito próprias que ocorrem entre pelo menos dois sujeitos. Pode-se apontar para três condições necessárias às amizades: o companheirismo, a mútua preferência e o divertimento (Howes, 1983).

No companheirismo há equivalência nos benefícios que decorrem das trocas sociais entre os indivíduos, há complementariedade, cooperação e gestão eficaz dos conflitos; a mútua preferência implica que ambos os sujeitos se sintam atraídos um pelo outro acompanhado pelo desejo de passar mais tempo um com outro. Por fim, o divertimento implica a troca de afectos positivos (Howes, 1983). Estas características gerais vão se articulando de formas diferentes nas diferentes etapas do desenvolvimento (infância, pré-

escolar, idade escolar e adolescência), tais como as manifestações de comportamento que se vão tornando mais distintos com a idade.

Outras características que podem ser apontadas às amizades e que são aspectos comuns, são os interesses, o aspecto físico, o tipo de jogo e o tipo de comportamento e atitudes (Haselager, Hartup, Van Lieshout & Riksen-Walraven, 1995).

Estas características e aspectos gerais das amizades não só são articulados de formas diferentes nas diversas etapas de desenvolvimento, mas também a nível do género da criança. Isto é, as raparigas e os rapazes agem de formas diferentes para estabelecer e manter as suas amizades.

Relativamente ao género, o que se pode deixar apontado é que há uma clara preferência em criar amizades com o mesmo género, o que se consegue detectar desde o pré-escolar, tanto pelo tempo dispensado no jogo (Charlesworth & Hartup, 1967; Parten, 1933; Serbin, Tonick & Sternglanz, 1977; cit. em La Freniere, Strayer & Gauthier, 1984) como pelas nomeações sociométricas como podemos verificar no estudo de Moore e Updegraff (1964), no qual administraram a entrevista sociométrica (as nomeações) a três grupos de crianças de diferentes idades (um grupo de crianças dos 3 anos e 2 meses até os 3 anos e 10 meses, outro dos 3 anos e 10 meses aos 4 anos e 11 meses e outro dos 4 anos e 6 meses aos 5 anos e 6 meses) em 2 momentos distintos num espaço de tempo de sete meses. Dos resultados que obtiveram, em cinco das seis passagens da entrevista, as nomeações positivas foram significativamente mais para as crianças do mesmo género.

As amizades devem ser vistas como complexas e multidimensionais, isto é, não importa a quantidade de amizades que a criança tem, mas sim que as amizades sejam de qualidade – reflectindo o desenvolvimento social. E ainda há que ter em atenção a identidade da criança amiga (características pessoais). De facto as amizades providenciam um contexto no qual o desenvolvimento social e moral da criança se proporciona, contudo a significância das amizades para o desenvolvimento só dependerá da qualidade delas (Hartup, 1996).

#### *Pré-escolar*

Na idade pré-escolar a criança sofre muitas mudanças, sendo uma das mais evidentes a nível social, pois assistimos a uma expansão do mundo social da criança, que passa da família para o grupo de pares.

Adquirir a perícia de estabelecer uma amizade pode se tornar uma tarefa árdua para crianças de idade pré-escolar, sobretudo se não houver uma experiência anterior (tal como creche ou ama) de interagir com outras crianças da sua idade sem a supervisão directa de um adulto.

É possível apontar algumas características que diferenciam as relações de amizade nestas idades (3/5 anos) das outras idades. As interacções das crianças são baseadas em actividades partilhadas, tal como nas oportunidades de brincarem juntas e na proximidade com crianças com quem convivem diariamente. Daí ser natural que haja crianças que brincam com crianças que não consideram amigos (Tessier & Boivin, 1985; cit. em Howes, 1988). O que predica que as crianças utilizam uma espécie de amigo temporário com o intuito de poder participar em determinadas brincadeiras do seu interesse (e.g.: “vou ser teu amigo se me deixares jogar”, Corsaro, 1981; cit. por Howes, 1988, p. 7), contudo isto só acontece com crianças de quem gostam.

Isto ainda remete para o facto das crianças conseguirem distinguir os seus amigos dos seus colegas de brincadeira, todavia existem diferenças no tipo de relação uma vez que com os amigos, as crianças trocam mais comportamentos positivos (Masters & Furman, 1981), mostram-se mais recíprocos (Foot, Chapman & Smith, 1980; Lederberg et al., 1987) (cit. em Howes, 1988) e são mais receptivos (Howes, 1983).

As amizades nesta idade são importantes para o desenvolvimento da representação simbólica e da linguagem. De facto, para se envolverem em actividades tem que haver um diálogo e compreensão. Diálogo que se vai adequando e desenvolvendo com os pares. Esta competência permite, conseqüentemente, que as interacções seja mais competentes e complexas.

Outras características que se podem apontar para as amizades do pré-escolar são a diminuição dos comportamentos agressivos (Poulin & Boivin, 1997), mais interacções pró-sociais (Rubin, Lynch, Coplan, Rose-Krasnor & Booth, 1994) (cit. em Dunn & Cutting, 2000) e utilização da negociação para resolver o conflito.

No pré-escolar ainda encontramos diferenças entre género no que toca a amizade, como por exemplo, o facto das raparigas terem mais amizades recíprocas do que os rapazes. Este facto pode ser um exemplo específico de um padrão geral no qual as raparigas tendem a exibir comportamentos pró-sociais mais frequentemente do que os

rapazes e poderem, por consequência, atrair mais amigos do que os rapazes (Vaughn et al., 2000).

Ainda há diferenças qualitativas no género, os rapazes são mais extensivos nas relações (tendência em estabelecer amizades consoante a brincadeira/tipo de jogo) enquanto que as raparigas são mais intensivas (tendo um número mais limitado de amizades mas que são exclusivas e recíprocas). Esta pode ser outra explicação diferente da anterior do facto das raparigas terem mais amizades recíprocas do que os rapazes (Boivin, Tessier & Strayer, 1985).

Há indícios que, apesar destas amizades serem precoces, as amizades possam ter algumas qualidades afectivas muito semelhantes às qualidades afectivas das relações dos adultos. Isto verifica-se sobretudo quando a criança passa pelo stress sentido aquando da separação de um dos seus amigos, consequência inevitável da experiência de amizade no pré-escolar (Howes, 1983).

As amizades do pré-escolar mostram uma considerável estabilidade (que iremos abordar de seguida) (Howes, 1988, 1996) e podem providenciar significantes recursos de suporte para a criança que passa por situações de stress (Dunn et al., 2000). Mas também assumem uma natureza diversa correspondendo a níveis diferentes de competências sociais (Vaughn et al., 2000), pois estas amizades são baseadas na reciprocidade, igualdade e cooperação.

#### *Sociometria e Estabilidade*

O conceito de sociometria advém de Moreno (1934) através da qual pretendia avaliar o grau de relação e ligação entre os elementos de um grupo, através de um conjunto de medidas que permitem conhecer a estrutura social do grupo e posição de cada indivíduo nesse grupo.

A aplicação deste tipo de medidas nos contextos educativos foi realçado pela primeira vez por Northway (1964) que na sua opinião “os estudos sociométricos tem-nos capacitado para aprender muita coisa sobre as relações e as interações escolares e continuam educando-nos a esse respeito. Contudo a sua maior virtude consiste em centrar a nossa atenção sobre o facto de que nas classes há que desenvolver as relações sociais”, cit. por Farinha (2004).

Desde modo, um dos principais objectivos educacionais da sociometria é avaliar as estruturas afectivas dos grupos de pares, que permite ter conhecimento de aspectos de funcionamento dos grupos (Farinha, 2004), entre os quais as amizades.

Podemos definir, essencialmente dois tipos de estruturas: as estruturas externas ou formais, que correspondem ao papel que cada elemento do grupo desempenha no grupo ou os objectivos do próprio grupo; e as estruturas internas ou informais, que emergem de forma espontânea a partir da atracção interpessoal, dos sentimentos, da preferência, etc. (Farinha, 2004).

Contudo tem sido posta em causa por alguns investigadores (e.g.: Hymel, 1983) a fiabilidade de algumas das medidas sociométricas, levando a querer que a medida de nomeação seja a mais adequada e apropriada, sobretudo com crianças de idade pré-escolar (até aos 6 anos de idade).

As nomeações são uma medida originalmente desenvolvida por Moreno (1934) na qual é pedido à criança que identifique alguns pares consoante um critério positivo e negativo (por norma, é pedido três nomeações positivas e três nomeações negativas).

Um ponto de preocupação tem sido a existência de estabilidade e coerência nas respostas sociométricas entre as diversas medidas utilizadas com crianças do pré-escolar. Wasik (1987) refere-se a vários estudos nos quais as medidas sociométricas parecem estáveis em crianças em idade pré-escolar (e.g.: Bronfenbrenner, 1984; Busk et al., 1973). Hymel (1983), que é um dos investigadores a pôr em causa a fiabilidade das medidas sociométricas, apresentou um estudo no qual investigou a fiabilidade das medidas sociométricas de duas medidas (nomeações e escala tipo Likert). Neste seu estudo verificou consistência, que aumentava com a idade, entre ambas as medidas, em crianças dos 3 aos 5 anos de idade, sendo que existia uma correlação mais perfeita por volta dos 4-5 anos de idade (cit. em Wasik, 1987). Este tipo de resultado não deixou de ser congruente com outros estudos tais como os de Mouton, Blake e Fruchter (1963) e Witryol e Thompson (1953), cit. em Wasik (1987).

Os resultados obtidos por este último autor fornecem que, para além de existir fiabilidade nas medidas sociométricas, também há estabilidade nas nomeações das crianças do pré-escolar ao longo do tempo, preditando a estabilidade das medidas sociométricas.

Em estudos mais recentes, como os de Peceguina, Castro e Santos (2002), que se debruçavam especificamente sobre a coerência das medidas sociométricas de crianças do pré-escolar, verifica-se uma correlação significativa entre três medidas sociométricas (nomeações, escala tipo Likert e comparação de pares) e que esta aumenta em função da idade das crianças.

Das medidas sociométricas, as nomeações, a escala (tipo Lickert) e a comparação de pares são as medidas mais privilegiadas por muitos investigadores para interrogar a criança quanto às suas preferências afilativas, tal como poderemos ver de seguida em alguns estudos abordados.

Tem se vindo ao longo desta exposição a referir a importância e características das relações de amizade para o desenvolvimento da criança. Contudo, muitas das amizades estudadas até agora são avaliadas deixando de lado a possibilidade de medir a estabilidade das relações das amizades das crianças do pré-escolar, havendo poucos estudos que se debruçam sobre este tema especificamente.

Porém, tem havido evidências que manter as amizades ao longo do tempo pode ser interpretado em termos de suporte social, sendo que esta estabilidade na transição para escola predica um ajustamento positivo à escola e conseqüentemente sucesso escolar, tal como podemos verificar no estudo de Ladd (1990) com duração de um ano no qual o autor utiliza, entre outros instrumentos, as nomeações numa amostra de crianças com uma idade média de 64,2 meses e no estudo de Ladd, Kochebderfer e Coleman (1996), no qual recorreram às nomeações para determinar as amizades em crianças com uma idade de 5 anos.

O estudo de Howes (1983), que durante um ano observou crianças dos 40 aos 82 meses reporta indícios que as crianças do pré-escolar estabeleceram amizades temporárias, contudo com características diferentes, pois com os amigos estáveis o jogo é mais complexo e receptivo do que com os amigos temporários. Neste sentido, as amizades estáveis ajudam e/ou servem as necessidade afectivas da criança enquanto que as amizades temporárias centram-se nos interesses da actividade e do jogo.

Também se tem feito uma ligação entre a estabilidade das amizades e as amizades recíprocas, no pré-escolar mais de metade das crianças têm amizades recíprocas e muitas dessas amizades são estáveis ao longo do tempo (Gershman & Hayes, 1983; cit. em Lindsey, 2002). Pistas sugerem que estas amizades possam ser diferentes de outro tipo de

relações por causa do tempo dispendido na proximidade uns com os outros e por serem interacções complementares (Howes, 1983; Howes & Philipsen, 1992). Num outro estudo, de C. Howes (1988), com duração de três anos, que compreende crianças com idades dos 2 aos 5 anos e no qual foram utilizados como medidas sociométricas as nomeações e as escalas, verifica-se que por volta dos 5 anos, 50% a 70% das amizades recíprocas das crianças são estáveis ao longo do tempo.

Ainda que não sejam muitas as crianças do pré-escolar que tenham amizades estáveis mas sim mais amizades esporádicas e de curta duração, as crianças que mantêm as suas amizades caracterizam-se por terem interacções geralmente baseadas em trocas verbais (Howes, 1983). Para além disso, são geralmente crianças que se integram facilmente no grupo, que simulam mais jogos sociais e de cooperação (em crianças mais novas: 16-33 meses e 28-45 meses) e têm mais jogos de complementaridade e reciprocidade com os pares (crianças entre os 2-5 anos) (Howes, 1988).

As crianças que mantêm as suas amizades estão associadas a altos níveis de competência social e ainda se verifica estabilidade a nível das medidas sociométricas (Howes, 1988).

Relativamente à idade, as crianças de 4 e 5 anos de idade conseguem manter as suas escolhas de amizades, sendo persistente com o facto das crianças desta idade manipularem melhor a comunicação verbal (Boivin, Tessier & Strayer, 1985). No estudo de dois anos de Vaughn, Azria, Krysik, Caya, Bost, Newell & Kazura (2000), com uma amostra de crianças com 3 e 4 anos de idade, também verificaram mais crianças de 4 anos de idade com amizades recíprocas estáveis do que nas crianças de 3 anos de idade.

Outro indício que contribui para a teoria da estabilidade é a perda de amigos. Perder amigos aparenta ter alguns efeitos a longo-prazo nas crianças. Se as crianças exibem uma certa angústia com a separação dos amigos, então o tipo de amizades estabelecidas não são simplesmente relações transitórias (Howes, 1988). Porém a maioria das crianças que perderam amigos conseguiram estabelecer outras amizades recíprocas. O fazer novas amizades ao longo de um ano também se verifica em crianças com amizades estáveis (Howes, 1988).

Todos estes indicadores reforçam a ideia que quando é dada a oportunidade, muitas das crianças mantêm as suas amizades recíprocas ao longo do tempo (Howes, 1983) e ainda desmentem o facto da estabilidade das amizades serem unicamente uma

característica das amizades de crianças mais velhas (Furman & Bierman, 1984; cit. em Boivin, Tessier & Strayer, 1985).

As crianças, de uma maneira geral, tendem a manter as suas amizades, pois dado às habituais mudanças dos cuidados naturais das crianças do pré-escolar, de ano para ano podem ocorrer separações entre amigos. Neste sentido, talvez valha a pena haver um investimento por parte dos pais, professores e educadores, um esforço em ajudar as suas crianças em manter estáveis as suas amizades, tendo sempre em conta os possíveis efeitos que possa ter esse esforço no ajustamento social da criança (Boivin et al., 1985).

Este trabalho vem no sentido de verificar se existe estabilidade nas medidas sociométricas, nomeadamente as nomeações e a comparação de pares, e se essa estabilidade se reflecte na estabilidade das relações de amizade de crianças do pré-escolar, recorrendo-se à análise de sociogramas que representam graficamente as nomeações realizadas pelas crianças.

## METODOLOGIA

### *Participantes*

Para este estudo recorreu-se a dados recolhidos junto de 232 crianças de entre as quais 121 são do sexo feminino e 111 do sexo masculino.



Agrupados por idades, tinha-se um grupo com crianças com 3 anos de idade (num total de 15 crianças), quatro grupos com crianças de 4 anos (com 88 crianças), quatro grupos de crianças com 5 anos de idade (81 crianças) e dois grupos com crianças com 6 anos (48 crianças). O número de crianças por sala rondava entre as 15 e 23, distribuídas por quatro salas, das quais três mantiveram-se ao longo de três anos lectivos e a outra ao longo de dois anos lectivos.

As crianças são provenientes de famílias com estatuto sócio-económico médio e frequentavam instituições do ensino privado do concelho de Oeiras.

### *Instrumentos*

A sociometria foi avaliada através de três medidas: as nomeações, a escala e a comparação de pares. Para este estudo foram utilizadas duas das medidas: as nomeações e as comparações de pares.

#### *Nomeações*

As nomeações (McCandless & Marshall, 1957; cit. em Peceguina, Castro & Santos, 2002) são uma medida standard que consiste na designação de escolhas positivas e escolhas negativas. É pedido a cada crianças, individualmente, que escolha a partir de fotografias (devidamente identificadas pela própria criança) as três crianças com quem *mais gosta de brincar* (correspondendo às três escolhas positivas) e as três crianças com quem *não gosta de brincar* (sendo estas as três escolhas negativas). As restantes possibilidades de escolha são seleccionadas uma a uma pelo critério *gosto mais de brincar* até à última possibilidade.

#### *Comparação de Pares*

As comparações de pares é um instrumento através do qual é pedido a cada criança que escolha um colega (igualmente por meio de fotografias), pelo critério *gosto mais de brincar*, em cada uma das díades possíveis no grupo (i.e.,  $N=(N-1)/2$ ).

### *Procedimentos*

Os dados foram recolhidos durante quatro anos lectivos (2003/2004, 2004/2005, 2005/2006 e 2006/2007), por dois observadores diferentes em cada ano. A cada criança foi realizado entrevistas individuais, sendo que cada momento de tarefa correspondia a uma

entrevista. Às crianças de 3 anos de idade foi necessário pelo menos duas entrevistas para a tarefa de comparação de pares, devido ao cansaço que proporciona devido ao elevado número de díades possíveis. Assim, sempre que eram manifestados sinais de distração e cansaço, a tarefa era interrompida e retomada num outro momento.

A todas as crianças foram dadas as mesmas instruções sobre as tarefas a realizar tal como a ordem de apresentação ser a mesma

A recolha dos dados foi realizada entre os meses de Novembro e de Fevereiro, sendo que quando coincidia com o início do ano, pedia-se às crianças para identificar todos os colegas pelo nome, garantindo assim o mínimo de conhecimento sobre os seus colegas.

## RESULTADOS

Das matrizes resultantes da recolha das nomeações foram elaborados sociogramas que são uma representação gráfica das matrizes com base nas três escolhas negativas e nas três escolhas positivas. Sendo assim, para cada ano de cada sala há dois sociogramas: um com as três nomeações positivas e outro com as três nomeações negativas de todas as crianças. Nos sociogramas as crianças do sexo masculino são representadas por um triângulo enquanto que as crianças do sexo feminino por um círculo. As duplas setas de cor azul remetem para amizades ou inimizades recíprocas e as duplas setas de cor laranja são as amizades ou inimizades estáveis. A cor vermelha significa que são crianças que já não se encontram no mesmo grupo no ano seguinte e a cor verde são crianças novas do respectivo grupo.

A análise destes sociogramas passa pela leitura dos mesmos afim de obter as informações sobre o número de amizades recíprocas, o tipo a nível do género (mistas ou não) e se estas amizades são estáveis. O critério para definir a estabilidade das amizades foi verificar se as amizades recíprocas se mantinham de ano para ano (Ferreira, 2002). Em anexo pode-se encontrar tabelas sumárias de cada ano das amizades e inimizades recíprocas.

As nomeações das crianças ainda foram convertidas em scores estandarizados, de acordo com os procedimentos determinados por Coie, Dodge e Coppotelli (1982), cit. em Peceguina, Santos & Daniel (in press).

Para a comparação de pares, determinou-se a proporção de escolhas recebidas em função do total de escolhas possíveis. Desta última medida em conjunto com os scores das

nomeações foi calculado a correlação de *Pearson* afim de verificar se as crianças mais nomeadas num ano, o são também no ano a seguir.

#### *Análise da tabela de correlações de Pearson*

A tabela 1 representa as correlações das medidas sociométricas utilizadas ao longo de três anos (sendo que ZPOSR corresponde às nomeações e ZPAIRR às comparações de pares).

Podemos verificar que há uma forte correlação entre ambas as medidas, sendo que esta vai aumentando ao longo dos três anos ( $r_{\text{posr3}}$ ,  $r_{\text{pairr3}}=.49$ ;  $r_{\text{posr4}}$ ,  $r_{\text{pairr4}}=.61$ ;  $r_{\text{posr5}}$ ,  $r_{\text{pairr5}}=.65$ ).

Na medida das nomeações pode se verificar que só há correlação significativa a partir dos 4 anos para os 5 anos ( $r_{\text{posr4}}$ ,  $r_{\text{posr5}}=.48$ ). Na outra medida, a comparação de pares, já podemos encontrar uma correlação significativa em todas as idades, isto é, desde os 3 anos de idade até aos 5 anos ( $r_{\text{pairr3}}$ ,  $r_{\text{pairr4}}=.72$ ;  $r_{\text{pairr4}}$ ,  $r_{\text{pairr5}}=.74$ )

Tabela 1: correlação das medidas sociométricas

	ZPOSR3	ZPAIRR3	ZPOSR4	ZPAIRR4	ZPOSR5	ZPAIRR5
ZPOSR3	1	<b>0,49**</b>	<b>0,14</b>	0,51**	0,19	0,32
ZPAIRR3		1	0,41**	<b>0,72**</b>	0,23	0,59**
ZPOSR4			1	<b>0,61**</b>	<b>0,48**</b>	0,52**
ZPAIRR4				1	0,52**	<b>0,74**</b>
ZPOSR5					1	<b>0,65**</b>
ZPAIRR5						1

\* $p \leq 0,05$ ; \*\* $p \leq 0,01$

Em suma, encontramos uma coerência entre as duas medidas sociométricas (nomeações e comparação de pares) que vai aumentando ao longo dos três anos. Ainda se pode verificar, através da correlação das próprias medidas, que as crianças mais nomeadas num ano também o são no ano seguinte. Tal se verifica nas nomeações a partir dos 4 anos de idade e na comparação de pares a partir dos 3 anos.

### *Análise dos sociogramas*

#### **Sala MA A**

Nesta sala foi feita a recolha dos dados ao longo dos anos lectivos 2004/2005 e 2005/2006, sendo que em 2004/2005 as crianças tinham 4 anos e no ano 2005/2006 tinham 5 anos. No ano 2004/2005 havia um total de 19 crianças das quais 9 eram do sexo masculino e 10 do sexo feminino. No ano 2005/2006 houve um aumento para 20 crianças sendo 12 do sexo masculino e 8 do sexo feminino. De um ano para o outro houve a saída de 4 crianças e a entrada de 6 novas crianças (estão assinaladas nos sociogramas)

A figura 1 e a figura 2 são os sociogramas representativos das nomeações positivas da sala MA A do ano 2004/2005 e 2005/2006 respectivamente. Podemos verificar que há um aumento de amizades recíprocas de um ano para o outro, sobretudo das amizades do sexo masculino, sendo que temos 6 amizades recíprocas no primeiro ano (2 do sexo feminino, 2 do sexo masculino e 2 mistas) e 10 amizades no ano seguinte (3 do sexo feminino e 7 do sexo masculino). Contudo, não se verificam amizades recíprocas estáveis, ou seja, as amizades do ano 2004/2005 não são as mesmas que se verificam no ano 2005/2006.

A figura 3 e a figura 4 dizem respeito aos sociogramas das nomeações negativas da sala MA A do ano 2004/2005 e 2005/2006 respectivamente. Podemos verificar que também há um aumento de 2 (ambas do sexo masculino) para 5 (igualmente todas do sexo masculino) inimizades recíprocas. Nestas nomeações negativas, podemos verificar que há uma inimizade recíproca do sexo masculino (11-19) que se mantém estável de um ano para o outro.

Figura 1: sociograma das nomeações positivas MA A 2004/2005

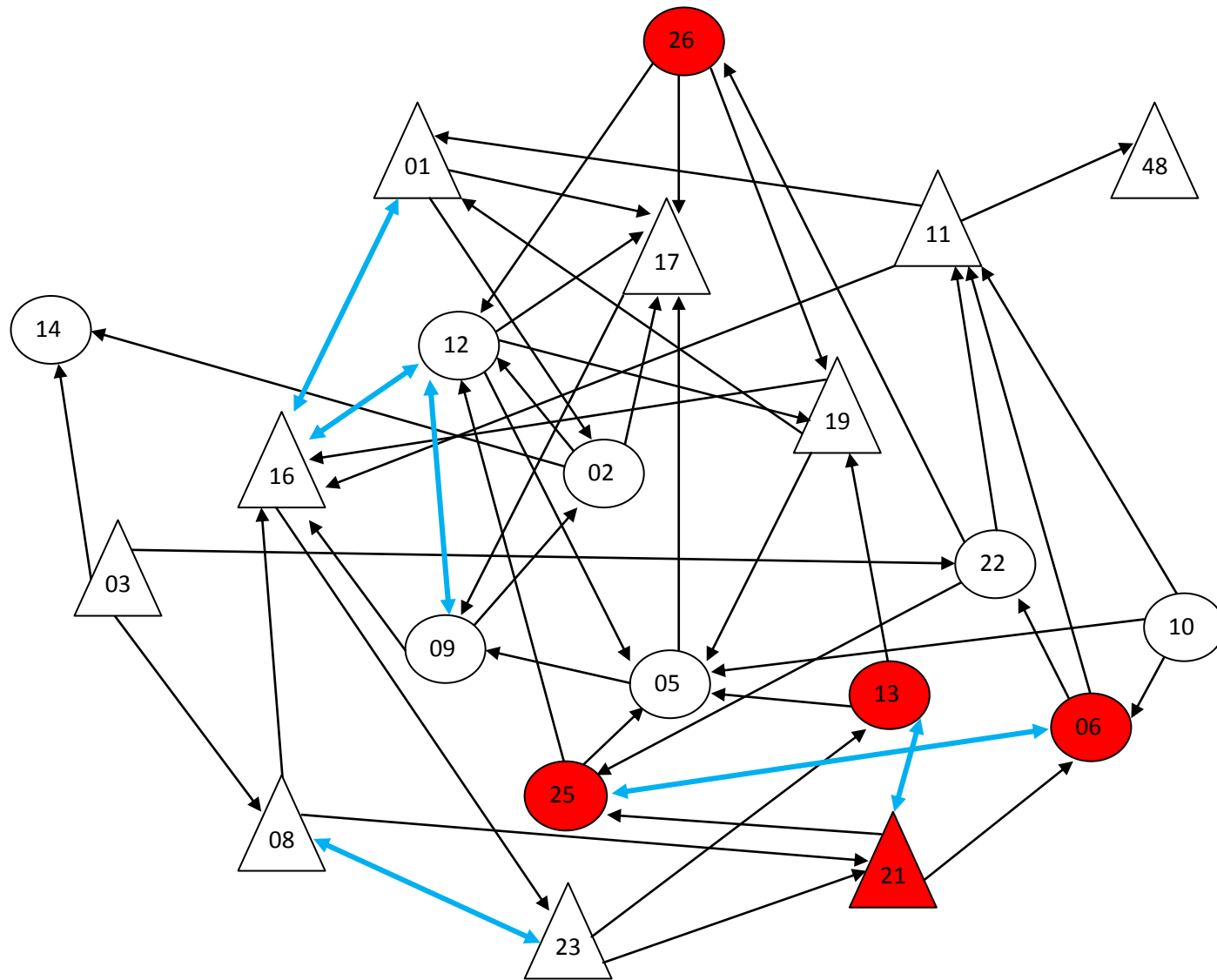


Figura 2: sociograma das nomeações positivas MA A 2005/2006

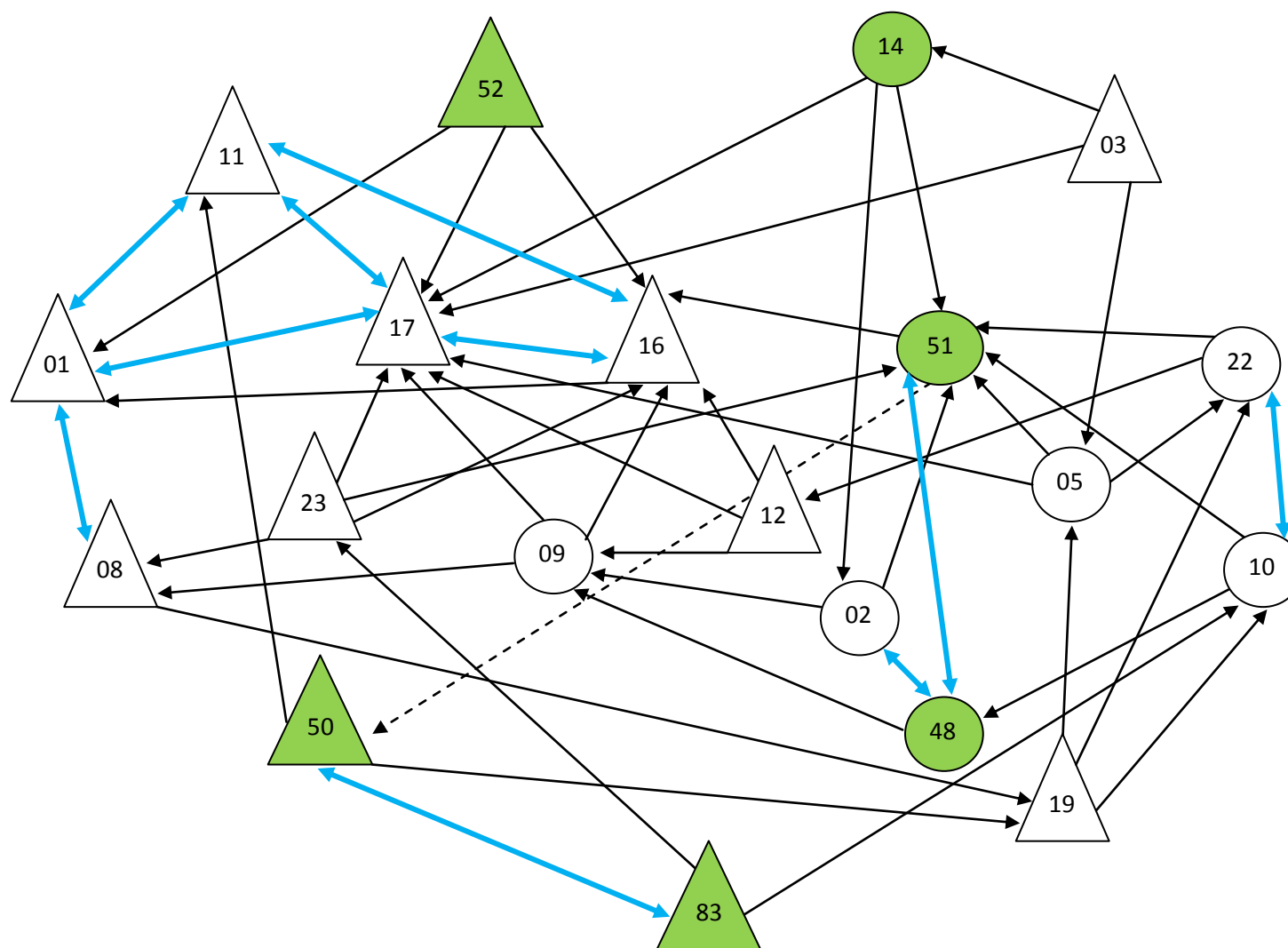


Figura 3: sociograma das nomeações negativas MA A 2004/2005

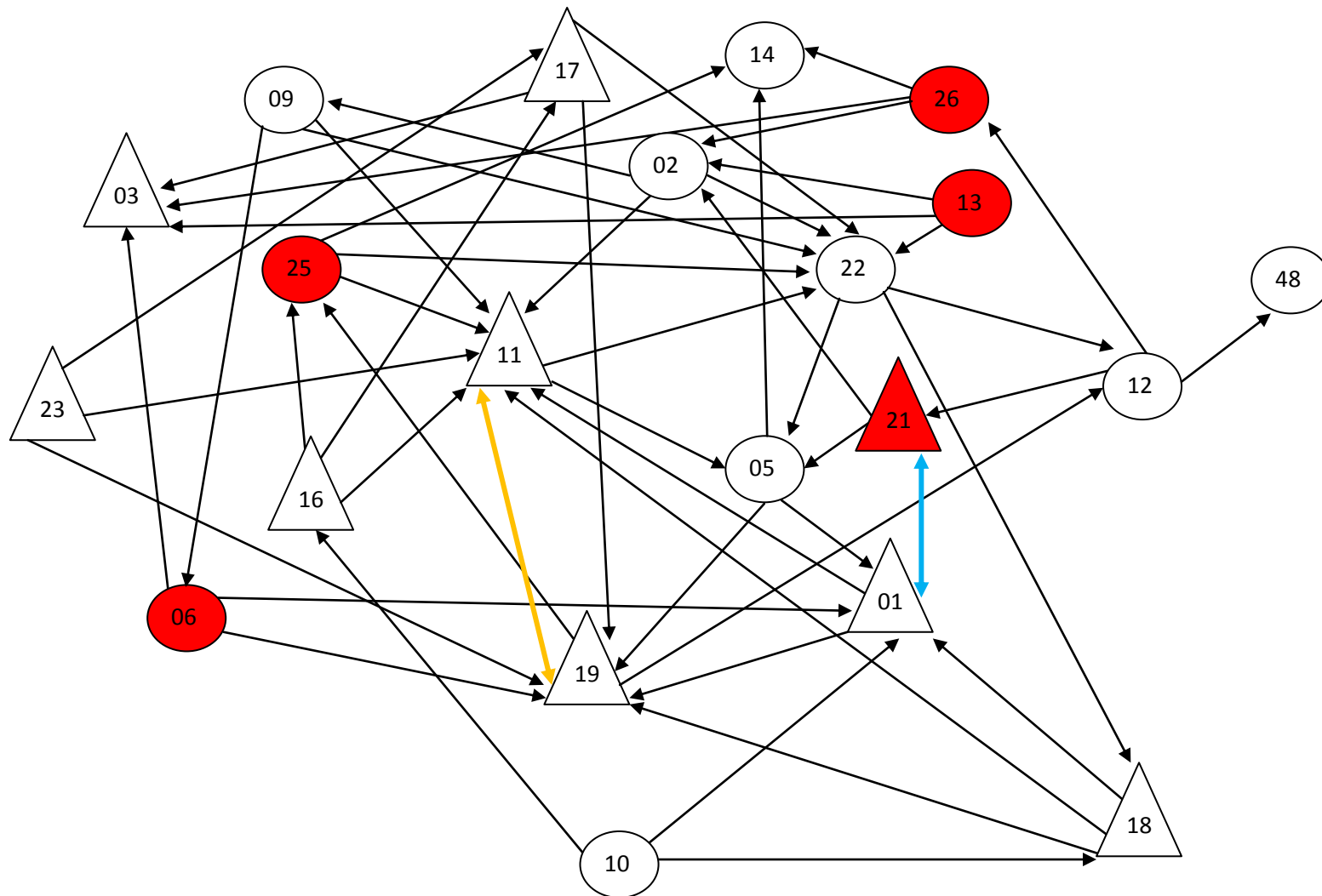
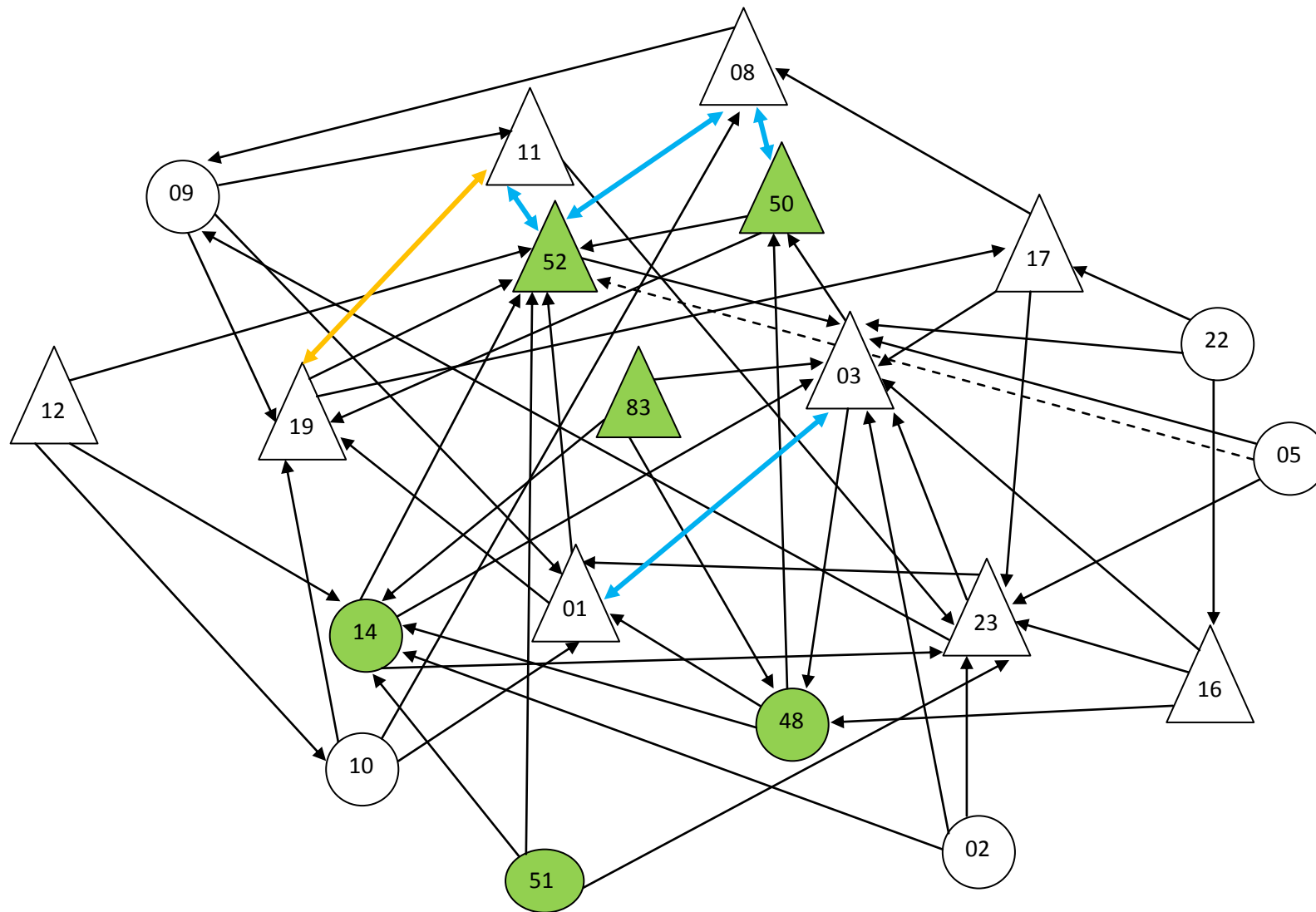


Figura 4: sociograma das nomeações negativas MA A 2005/2006





### **Sala MA B**

Na sala MA B, a recolha de dados realizou-se ao longo de três anos lectivos (2004/2005, 2005/2006 e 2006/2007), no primeiro ano as crianças tinham 4 anos, no segundo 5 anos e no último tinham 6 anos de idade. No ano de 2004/2005 havia um total de 23 crianças, das quais 12 eram do sexo masculino e as restantes 11 do sexo feminino. No ano seguinte, o número total baixa para 20 crianças, sendo 9 do sexo masculino e 11 do sexo feminino. No último ano, 2006/2007, há um aumento de crianças para um total de 25 entre as quais 13 eram do sexo masculino e 12 do sexo feminino. Do ano 2004/2005 para o ano 2005/2006 houve a saída de 5 crianças, no ano de 2005/2006 houve a entrada de 3 crianças novas e no ano seguinte deu-se a entrada de 5 crianças novas.

As figuras 5, 6 e 7 correspondem aos sociogramas das nomeações positivas ao longo dos três anos lectivos. No ano 2004/2005 verificam-se 11 amizades recíprocas (3 do sexo feminino, 6 do sexo masculino e 2 mistas). No ano seguinte há uma baixa de amizades recíprocas para 8 pares (4 em cada género). No último ano, o número de amizades recíprocas volta a ser de 11 (3 do sexo feminino, 5 do sexo masculino e 3 mistas).

Ao longo destes três anos, pode se confirmar que há uma amizade recíproca do sexo feminino (07-37) que se mantém ao longo de dois anos (2004/2005 - 2005/2006) e uma amizade recíproca do sexo masculino (32-40) que se mantém ao longo dos três anos.

As figuras 8, 9 e 10 são os sociogramas das nomeações negativas respectivas aos anos 2004/2005, 2005/2006 e 2006/2007. No primeiro ano temos uma inimizade recíproca mista, no ano 2005/2006 o número de inimidades aumenta para 5 (2 do sexo feminino, uma do sexo masculino e 2 mistas). No ano seguinte, o número total de inimidades recíprocas baixa para 2 (uma de cada género).

Todas estas inimidades recíprocas são constituídas por diferentes crianças de ano para ano, logo não se verifica estabilidade nestas inimidades.

Figura 5: sociograma das nomeações positivas MA B 2004/2005

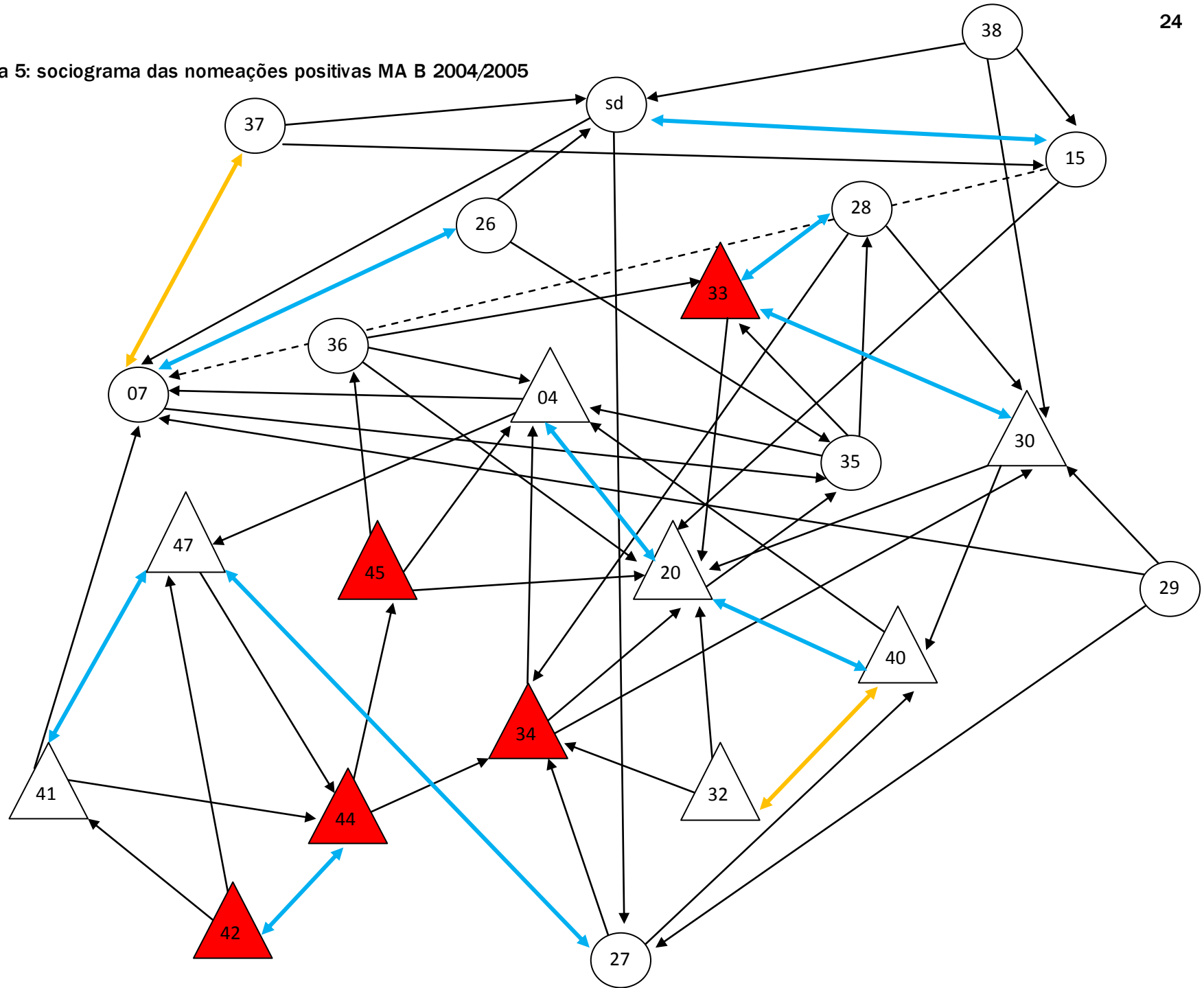


Figura 6: sociograma das nomeações positivas MA B 2005/2006

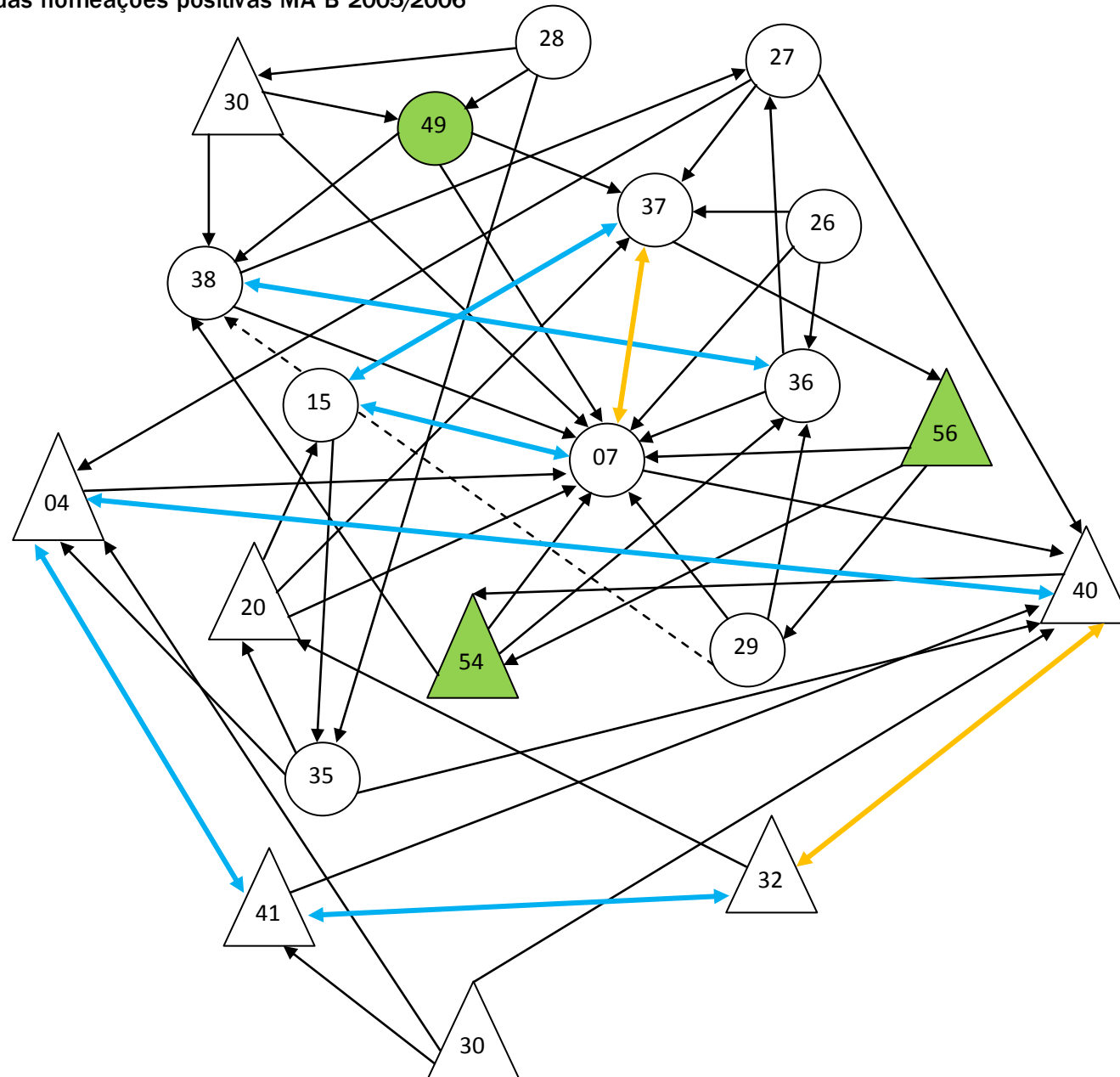


Figura 7: sociograma das nomeações positivas MA B 2006/2007

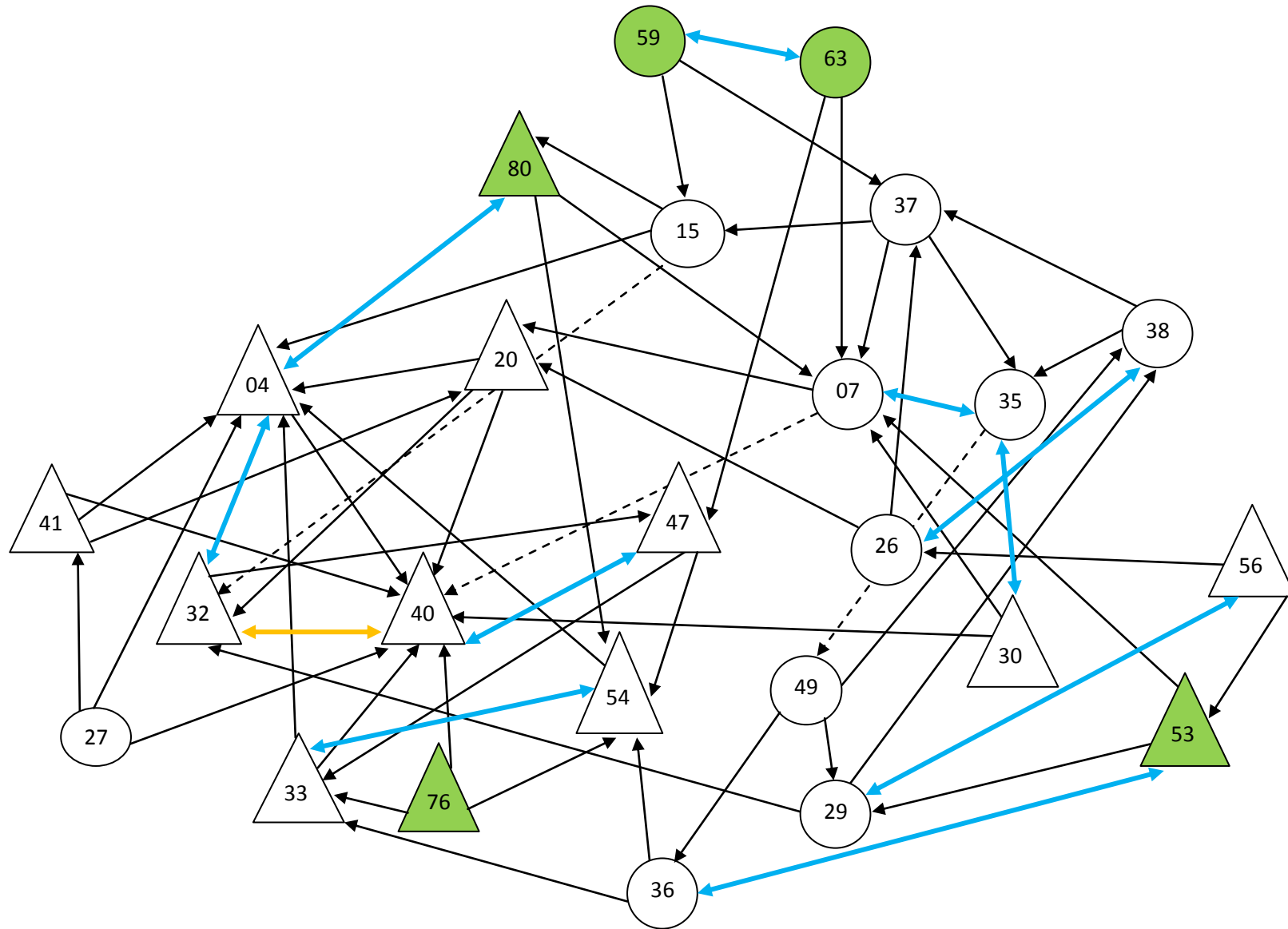


Figura 8: sociograma das nomeações negativas MA B 2004/2005

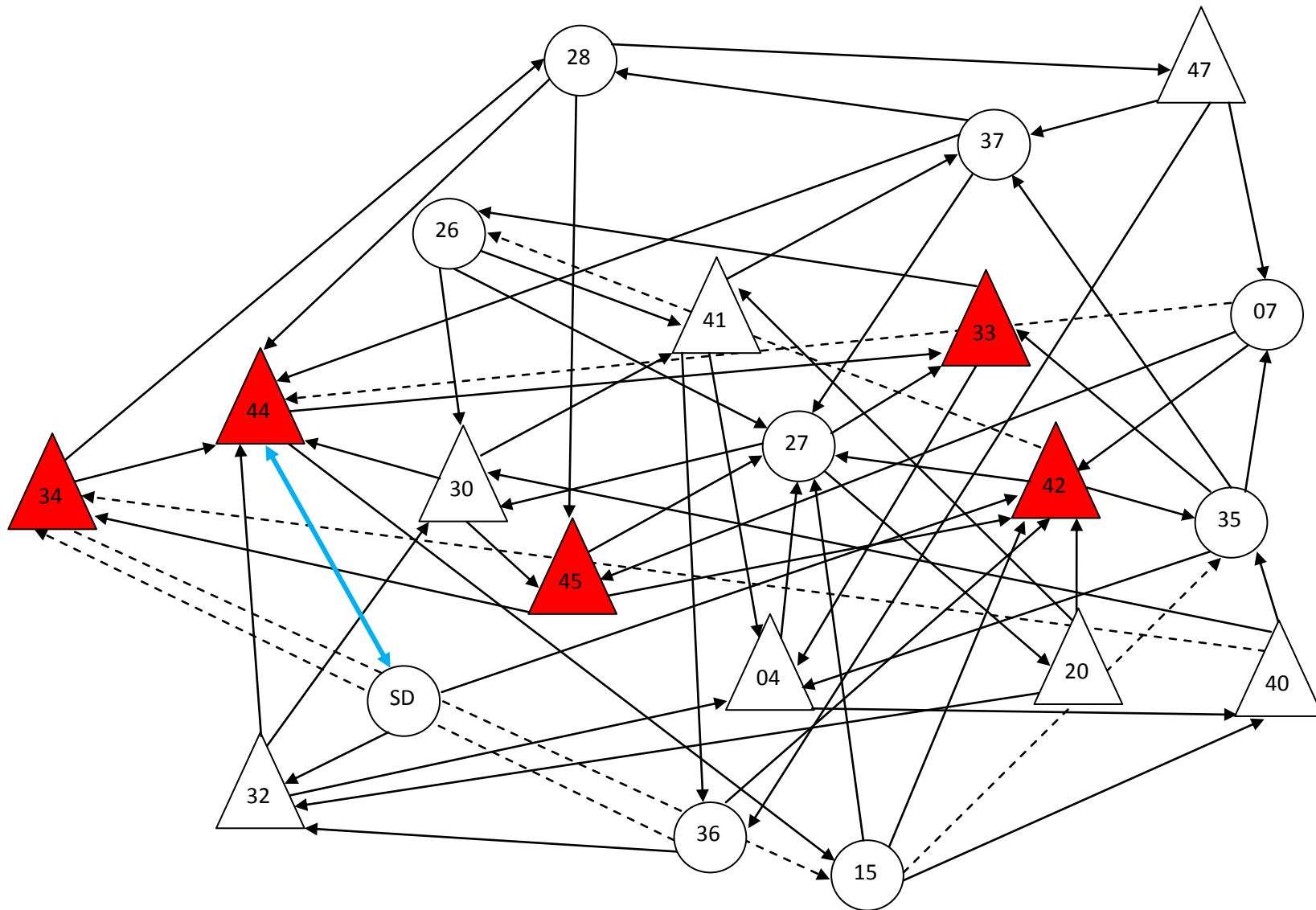


Figura 9: sociograma das nomeações negativas MA B 2005/2006

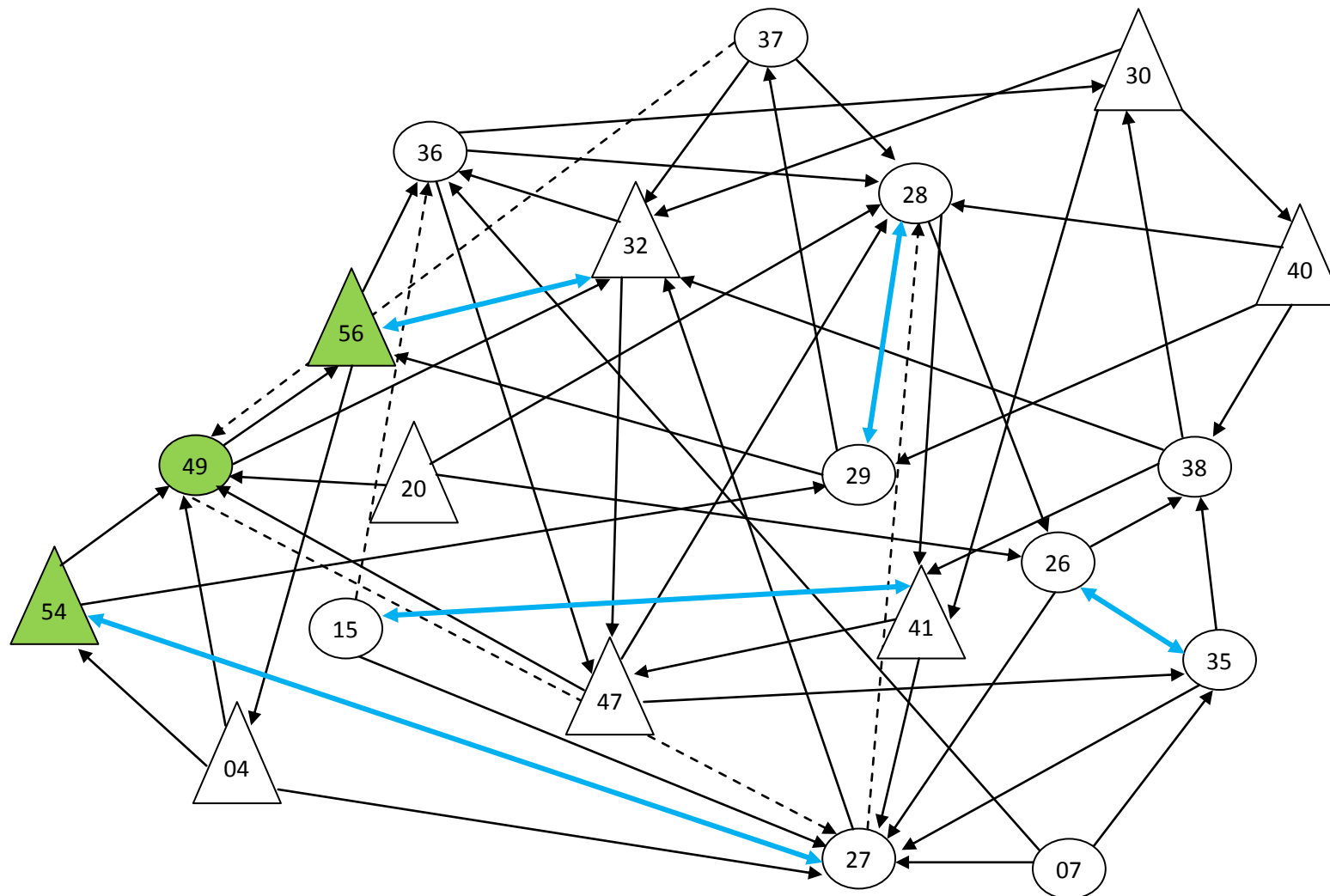
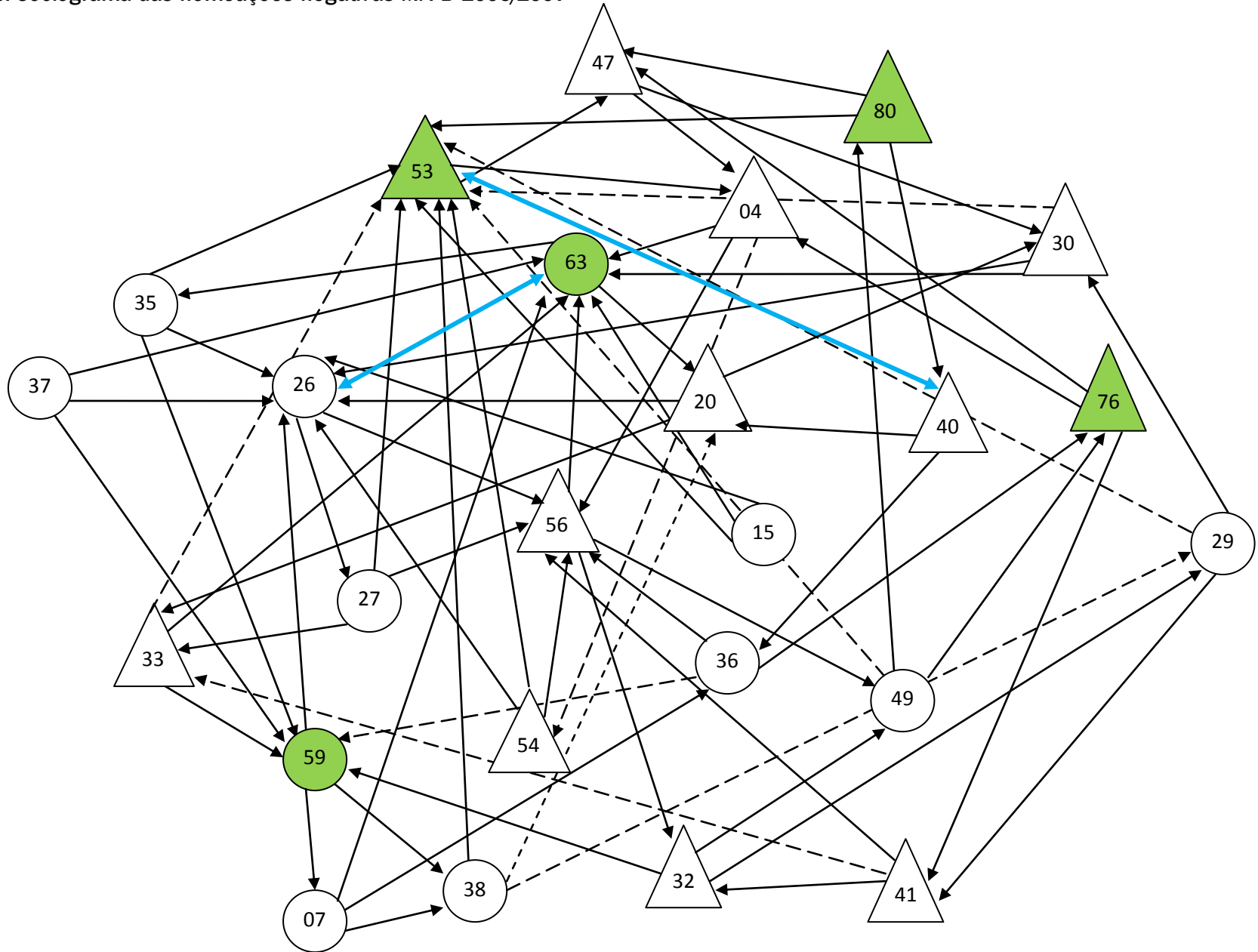


Figura 10: sociograma das nomeações negativas MA B 2006/2007



### **Sala NA A**

Na sala NA A realizou-se a recolha de dados durante três anos lectivos: 2003/2004, 2004/2005 e 2005/2006, em que em 2003/2004 as crianças tinham 3 anos de idade, no ano seguinte tinham 4 anos e no ano 2005/2006 tinham 5 anos de idade. No primeiro ano a sala tinha um total de 15 crianças, das quais 5 eram do sexo masculino e as restantes 10 do sexo feminino. No ano seguinte o total de criança aumenta para 23 crianças das quais 10 eram do sexo masculino e 13 do sexo feminino. Por fim, no ano 2005/2006 o total de crianças na sala era de 20 em que 9 eram do sexo masculino e 11 do sexo feminino. Ao longo dos três anos houve algumas saídas e entradas de crianças, assim, no ano 2003/2004 para o ano seguinte saiu uma criança enquanto que do ano 2004/2005 para o ano seguinte saíram 4 crianças. Só no ano 2004/2005 é que se deu a entrada novas crianças, mais concretamente de 8 crianças.

As figuras 11, 12 e 13 correspondem, respectivamente, às nomeações positivas da sala NA A dos anos 2003/2004, 2004/2005 e 2005/2006. No primeiro ano pode se observar um total de 8 amizades recíprocas (6 do sexo feminino e 2 do sexo masculino). No ano seguinte o número total de amizades recíprocas aumenta para 10 pares (7 do sexo feminino, 2 do sexo masculino e a restante de natureza mista). No ano 2005/2006 (último ano) o total de amizades baixa para 9 (7 são do sexo feminino e 2 do sexo masculino).

Quanto a estabilidade podemos verificar 3 amizades recíprocas, das quais uma é do sexo feminino (19-20) que se mantem entre 2003/2004 para 2004/2005; as restantes 2 amizades recíprocas (27-24 e 27-22) são igualmente do sexo feminino e mantem-se de 2004/2005 para 2005/2006.

As figuras 14, 15 e 17 remetem para os sociogramas das nomeações negativas dos anos de 2003/2004, 2004/2005 e 2005/2006, respectivamente. No ano de 2003/2004 há um total de 5 inimizades recíprocas (2 do sexo feminino e 3 mistas). No ano seguinte o número total de inimizades aumenta para 6 (uma de cada género e as restantes 4 mistas). No último ano, mantem-se o total de inimizades recíprocas (uma do sexo feminino e as restantes 5 mistas).

Nestas nomeações recíprocas não há nenhuma que se repete, ou seja, não há estabilidade ao longo dos três anos.





Figura 11: sociograma das nomeações positivas NA A 2003/2004

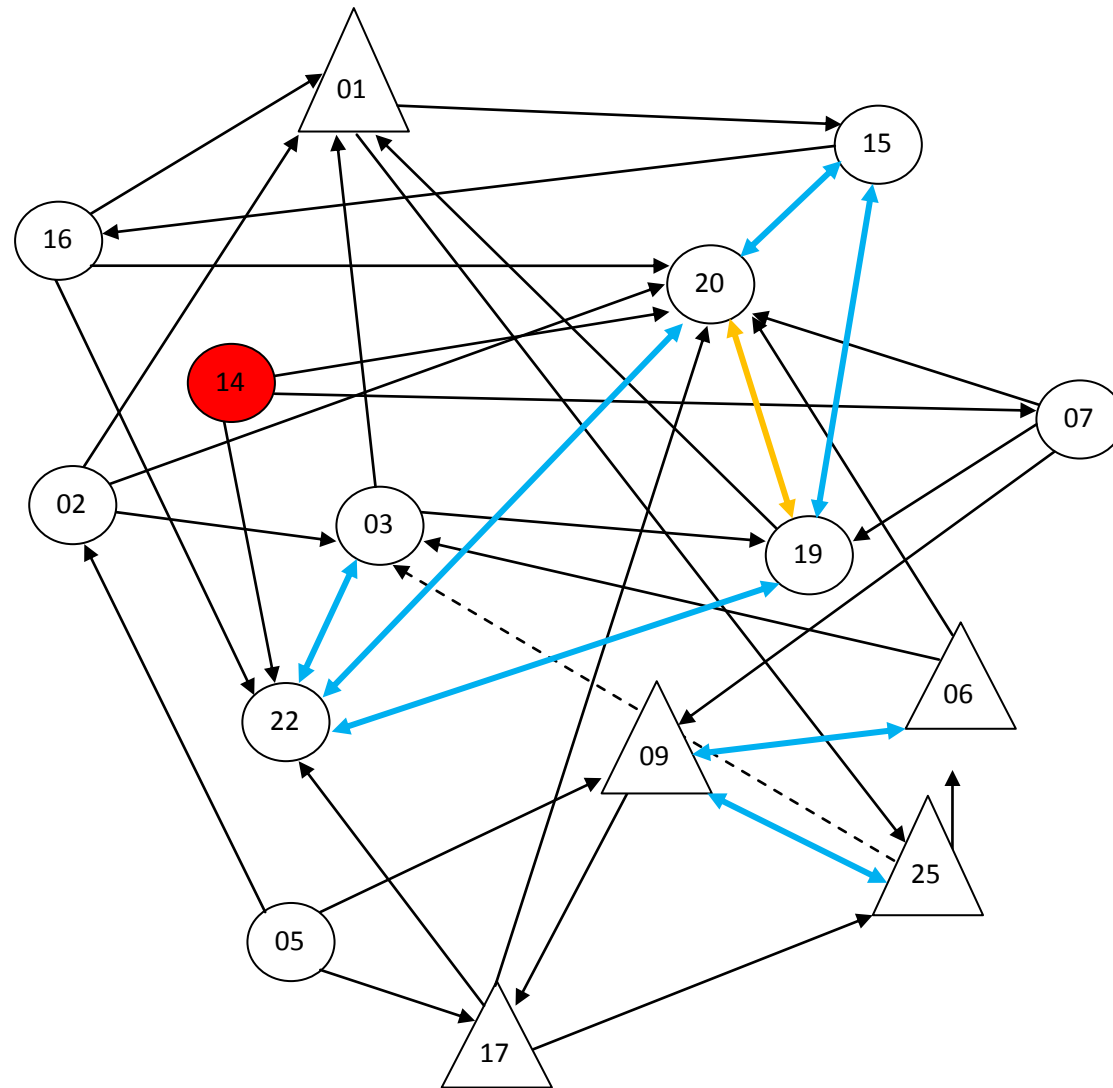


Figura 12: sociograma das nomeações positivas NA A 2004/2005

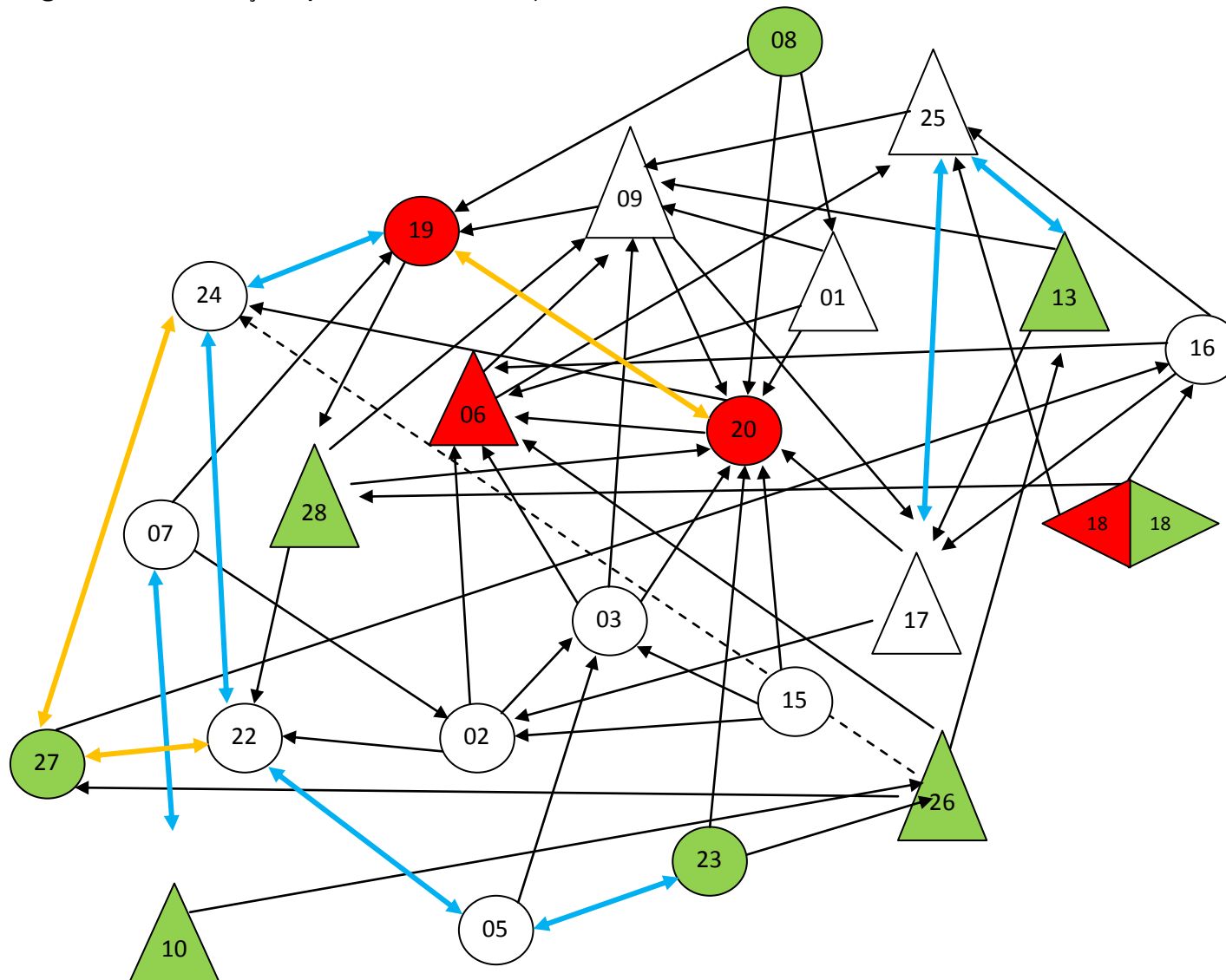




Figura 13: sociograma das nomeações positivas NA A 2005/2006

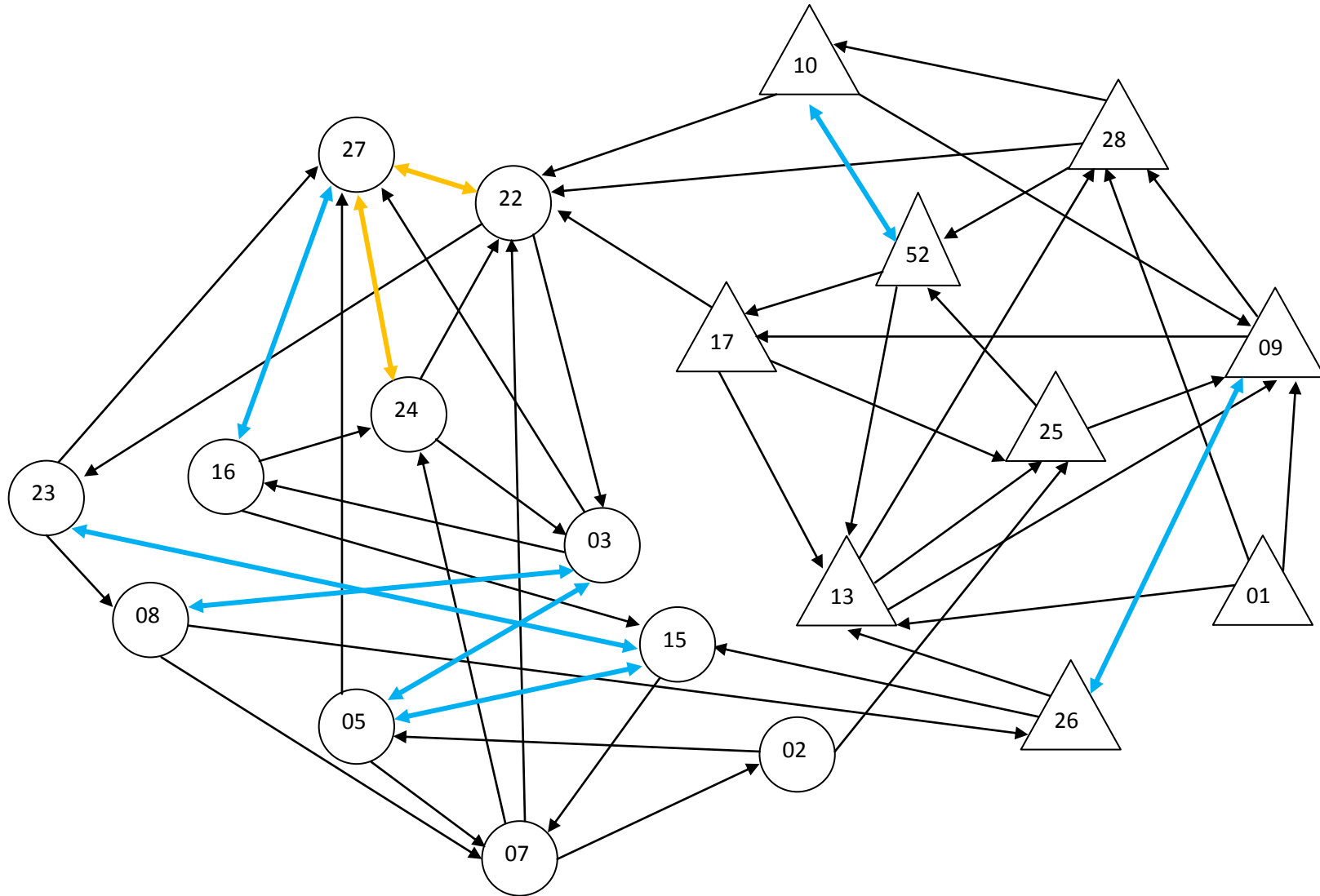


Figura 14: sociograma das nomeações negativas NA A 2003/2004

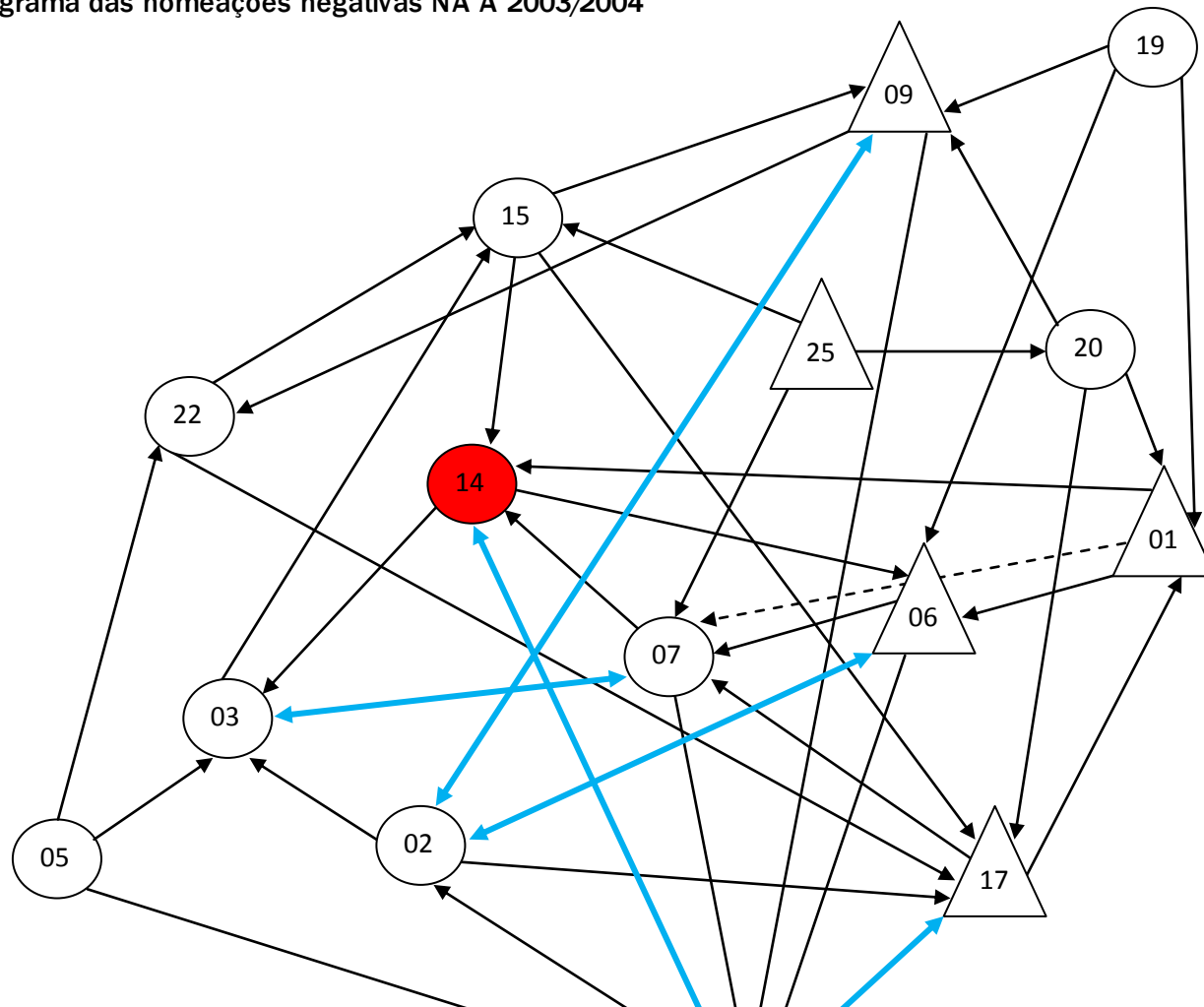


Figura 15: sociograma das nomeações negativas NA A 2004/2005

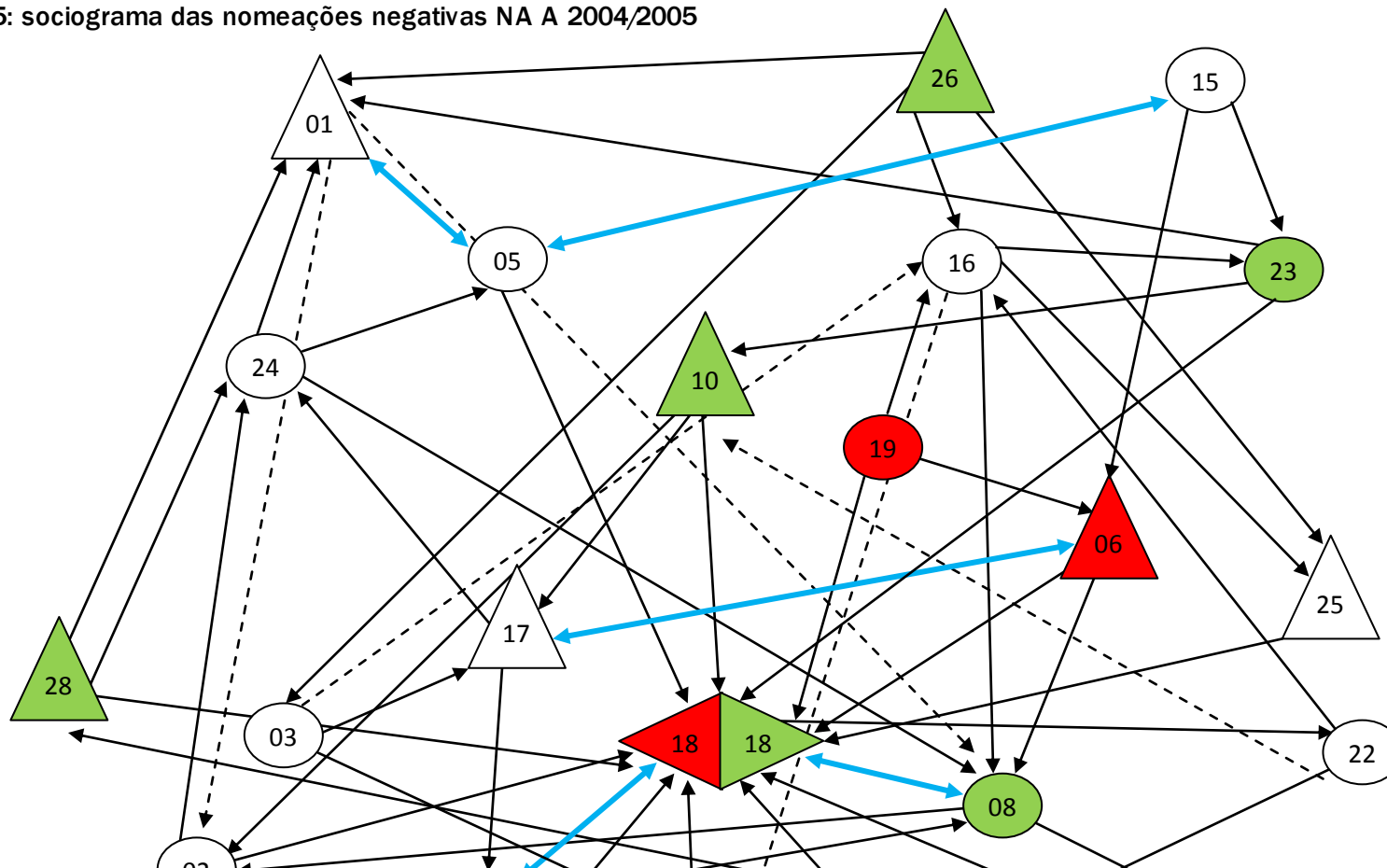
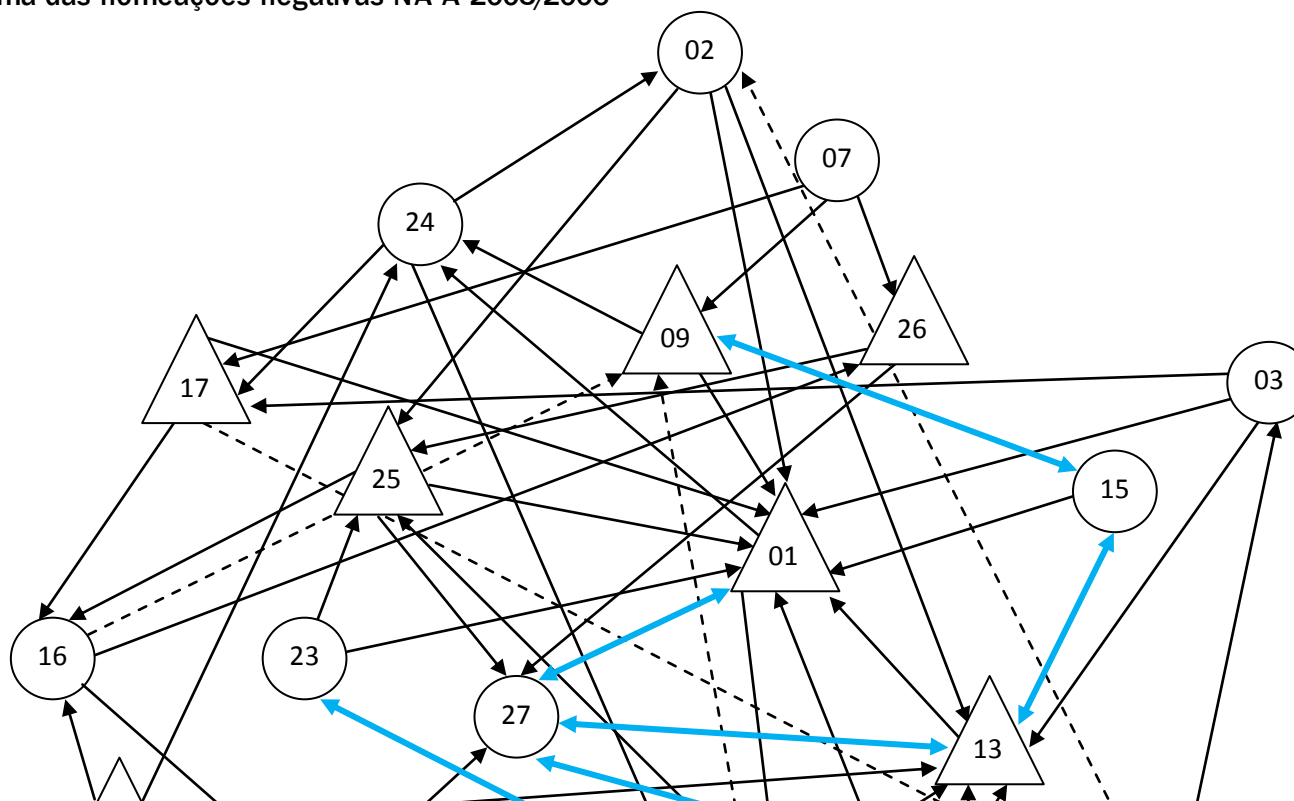


Figura 16: sociograma das nomeações negativas NA A 2005/2006



08



### **Sala NA B**

A recolha dos dados nesta sala realizou-se durante três anos lectivos, 2004/2005, 2005/2006 e 2006/2007, sendo que as idades foram dos 4 anos (primeiro ano) até os 6 anos (no último ano). No primeiro ano havia um total de 23 crianças em que 11 eram do sexo masculino e 12 do sexo feminino. No ano seguinte o total baixou para as 21 crianças, das quais 10 eram do sexo masculino e as restantes 11 do sexo feminino. No último ano o número total volta a ser de 23 crianças com as mesmas proporções distribuídas pelo género no primeiro ano. Do ano de 2004/2005 para o ano seguinte saíram 2 crianças e no último ano, isto é, no ano de 2006/2007 entraram 2 novas crianças.

As figuras 17, 18 e 19 são respectivas aos sociogramas das nomeações positivas dos três anos, respectivamente, referidos anteriormente. No ano de 2004/2005 verifica-se um total de 10 amizades recíprocas (6 são do sexo feminino, 1 do sexo masculino e as restantes 3 mistas). No ano seguinte, o número total diminui para 5 (uma do sexo feminino, 3 do sexo masculino e uma mista). No último ano, 2006/2007, o total é de 12 amizades recíprocas (5 são do sexo feminino e 7 do sexo masculino).

Ao longo dos três anos verificam-se duas amizades recíprocas, sendo que uma é do sexo feminino (43-36) que se mantém ao longo dos respectivos três anos. Do ano de 2005/2006 para o ano seguinte há uma amizade recíproca do sexo masculino (34-29) que se mantém estável ao longo destes dois últimos anos.

As figuras 20, 21 e 22 são os sociogramas, de cada ano respectivamente, das nomeações negativas. No ano de 2004/2005 pode se verificar 4 inimizades recíprocas (3 são do sexo masculino e a outra mista). No ano seguinte as inimizades são 5 (uma é do sexo feminino e as outras 4 são mistas). No ano de 2006/2007, o número de inimizades recíprocas diminui para 3 (uma do sexo feminino, outra do sexo masculino e outra mista).

Nestas inimizades recíprocas não se verifica estabilidade, ou seja, as inimizades de ano para ano não são com o mesmo par de crianças.



Figura 17: sociograma das nomeações positivas NA B 2004/2005

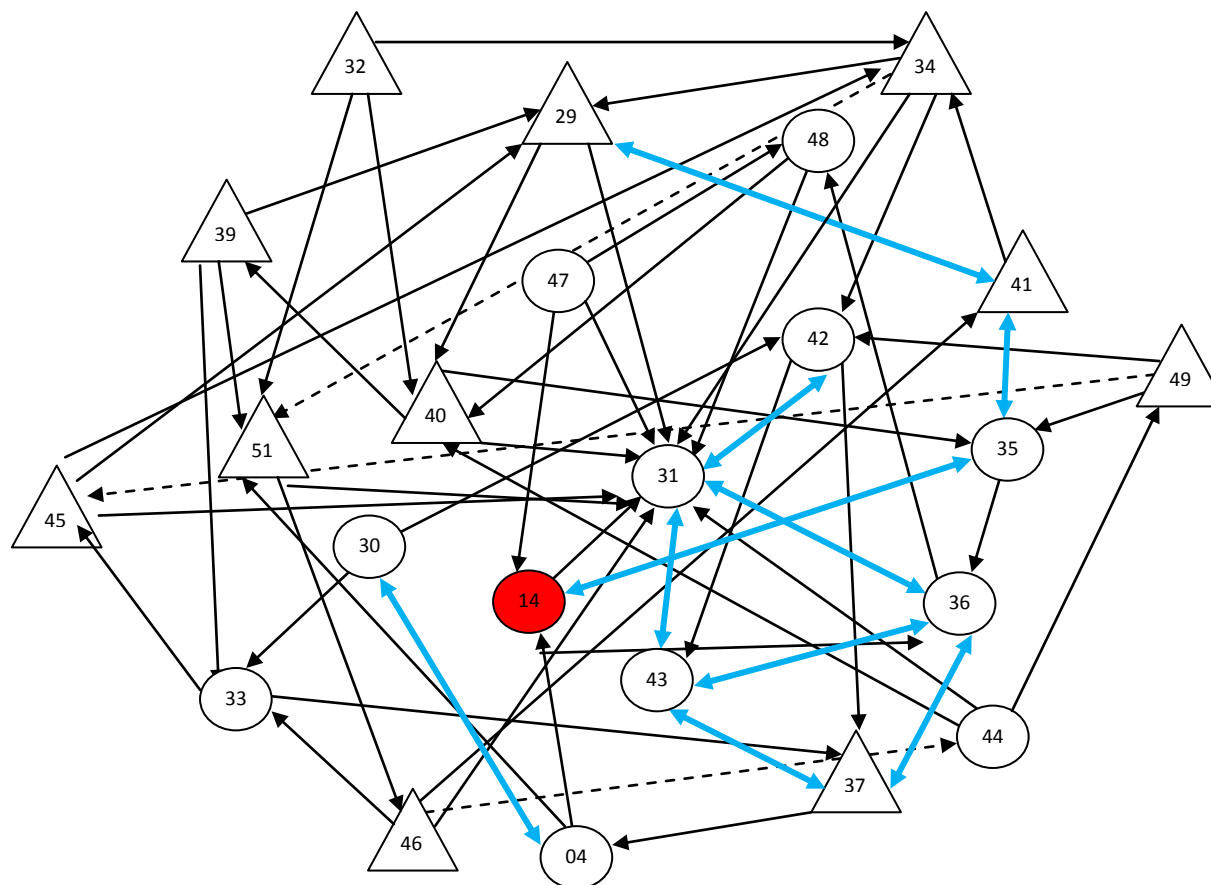


Figura 18: sociograma das nomeações positivas NA B 2005/2006

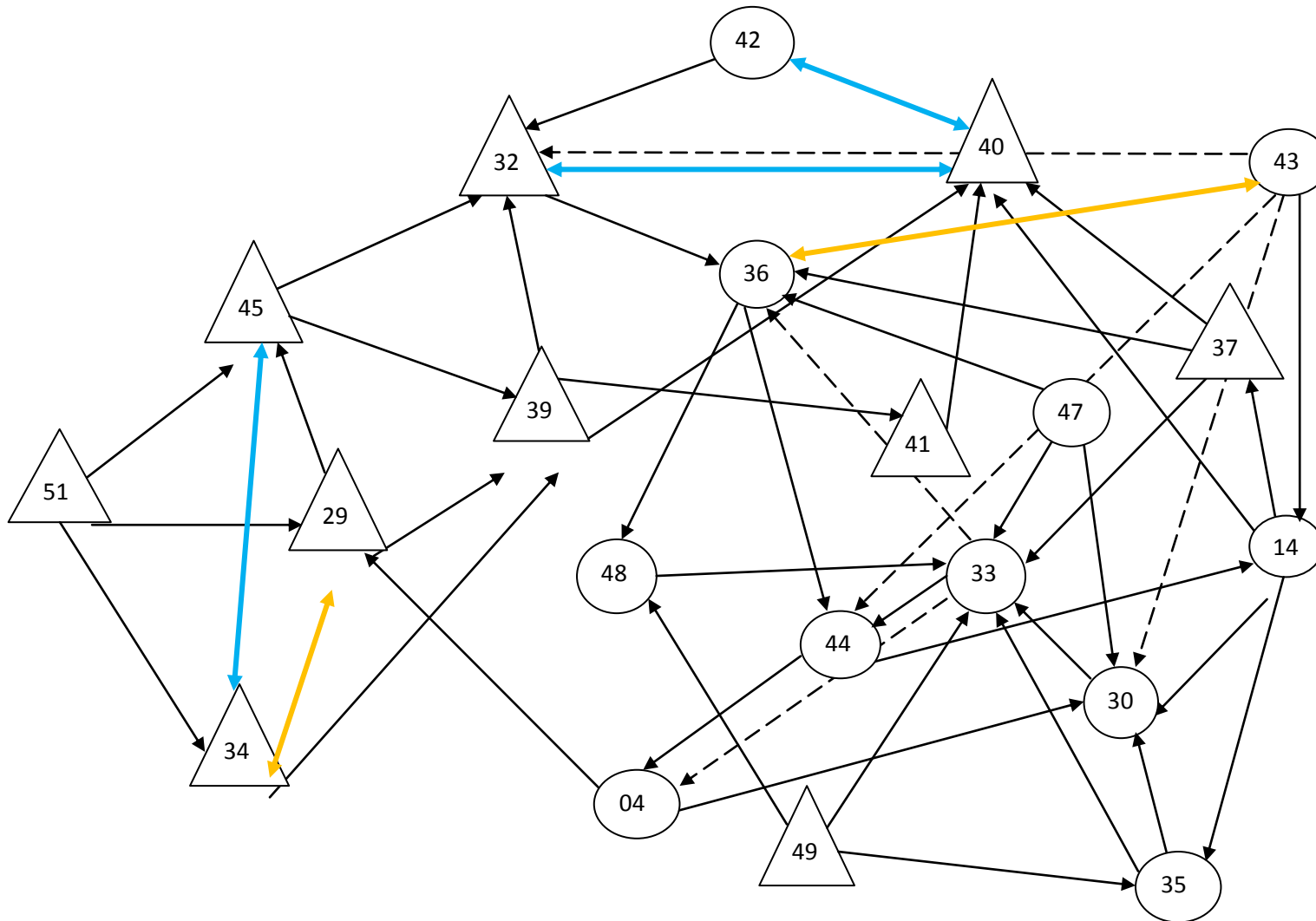


Figura 19: sociograma das nomeações positivas NA B 2006/2007

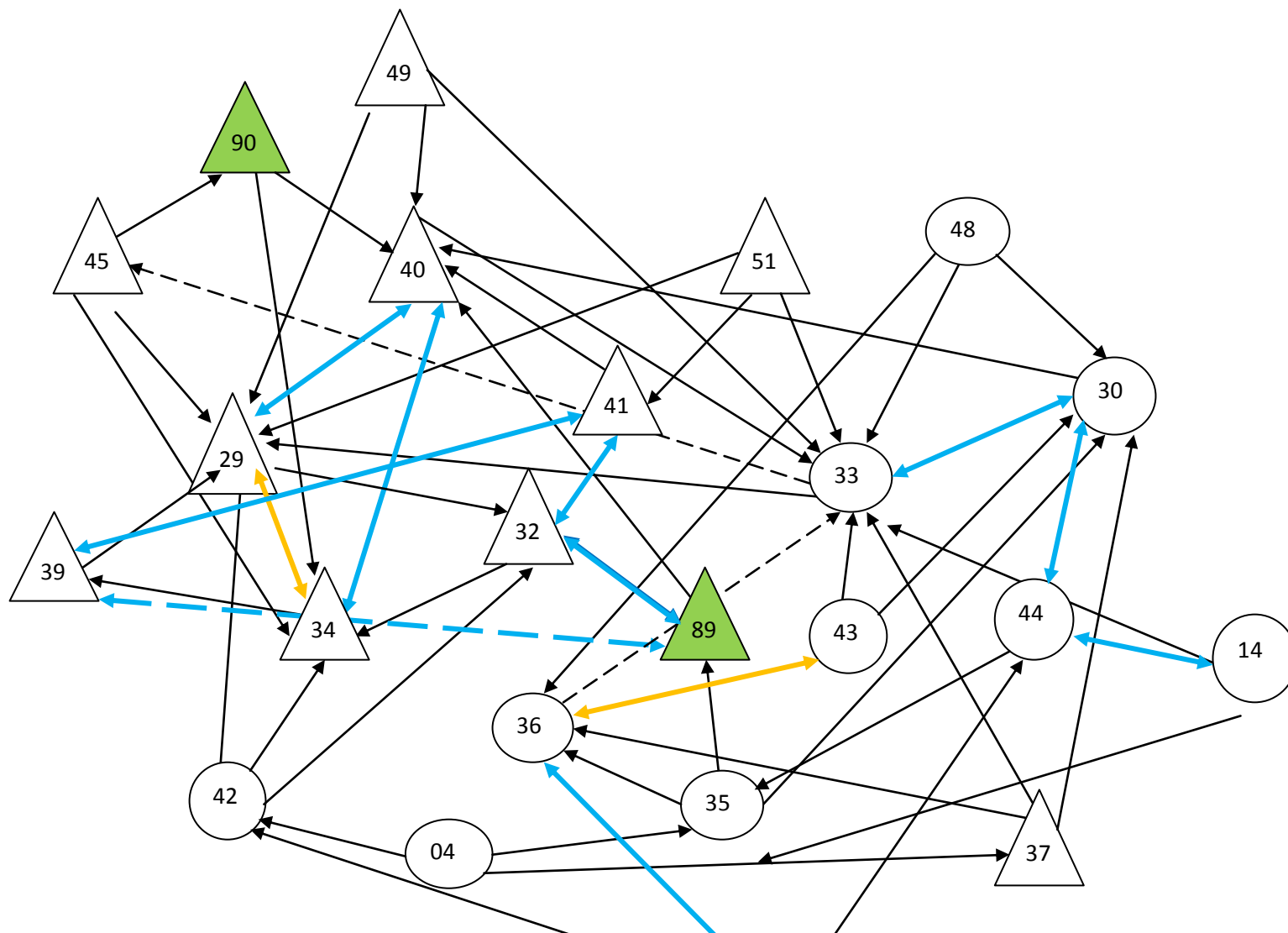


Figura 20: sociograma das nomeações negativas NA B 2004/2005

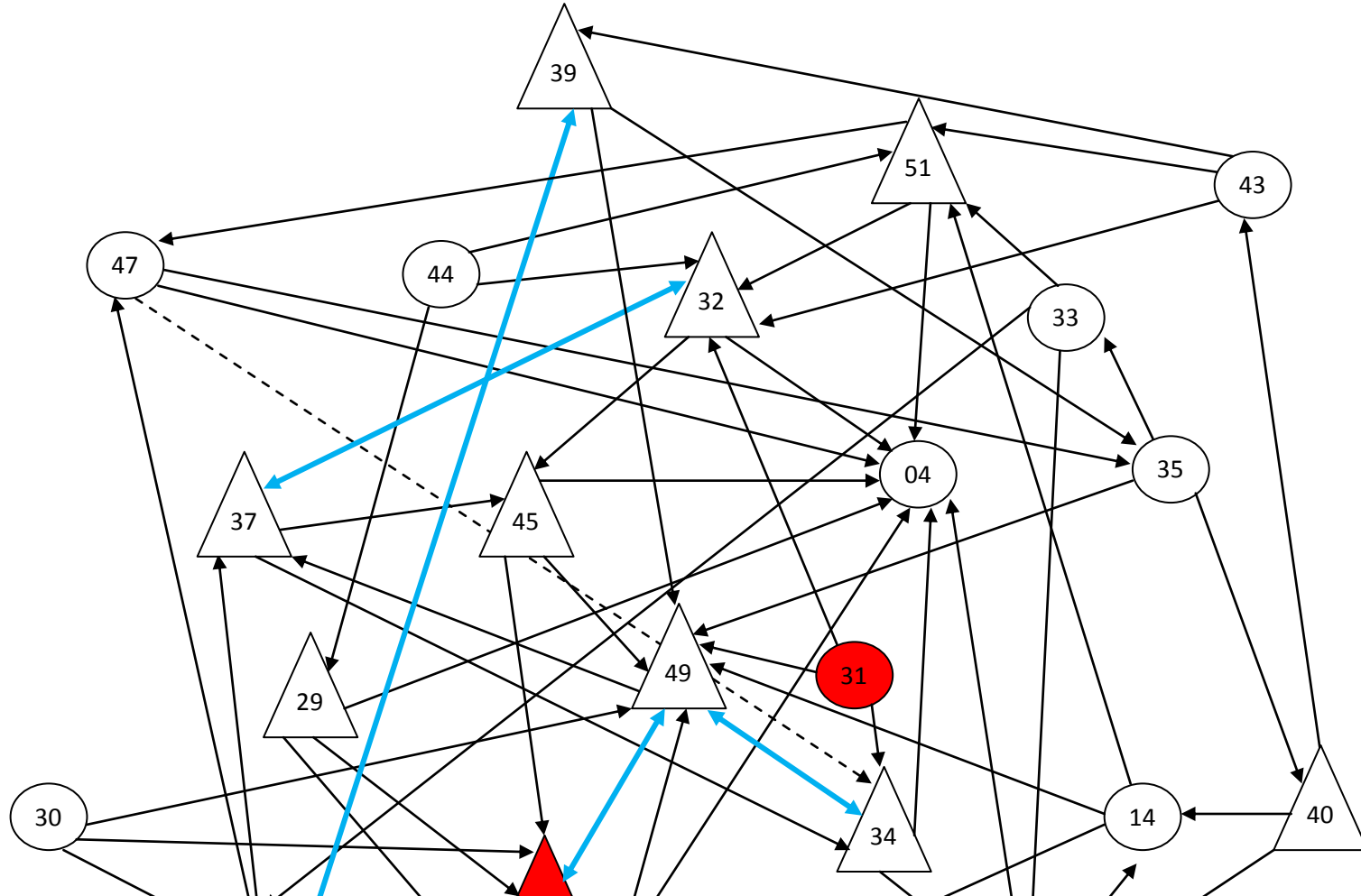


Figura 21: sociograma das nomeações negativas NA B 2005/2006

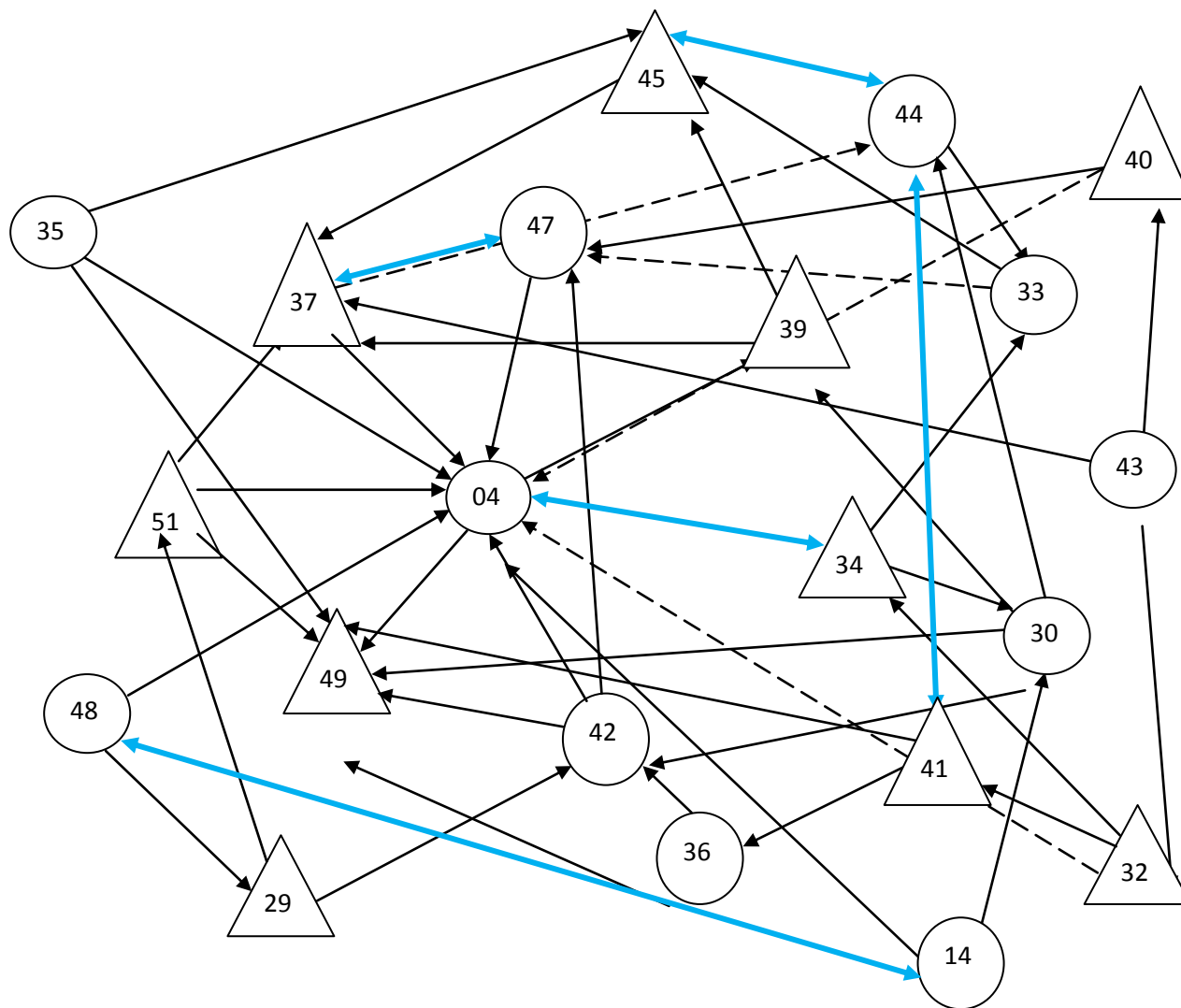
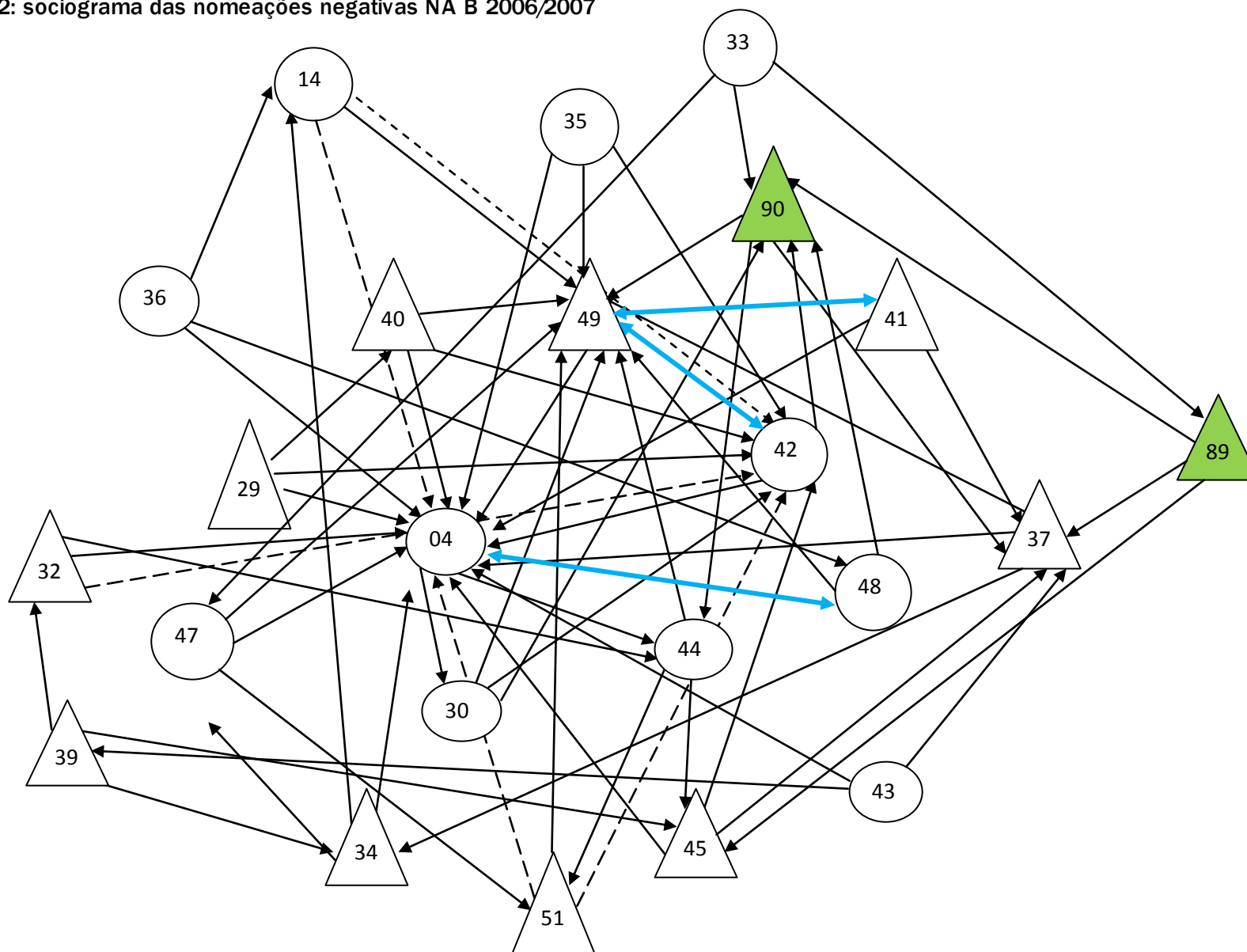


Figura 22: sociograma das nomeações negativas NA B 2006/2007







Em suma, num total de 232 crianças verificou-se que há um total de 100 amizades recíprocas, das quais 41 eram do sexo masculino, 47 do sexo feminino e 12 mistas. Destas amizades, 8 aconteceram aos 3 anos, 37 aos 4 anos, 32 aos 5 anos e 23 aos 6 anos de idade. Consequentemente, num total de 100 amizades recíprocas encontraram-se 7 amizades recíprocas estáveis, das quais 5 mantiveram-se ao longo de dois anos lectivos (uma dos 3 aos 4 anos, três dos 4 aos 5 anos e uma dos 5 aos 6 anos) e as outras 2 foram estáveis ao longo de três anos lectivos (dos 4 aos 6 anos). Estas proporções mantêm-se quanto ao género (5 do sexo feminino e 2 do sexo masculino).

Relativamente às inimizades recíprocas encontramos 44 inimizades das quais 14 são do sexo masculino, 10 do sexo feminino e 21 de natureza mista. Aos 3 anos de idade havia 5 inimizades, aos 4 anos havia 13, aos 5 anos havia 21 e aos 6 anos de idade havia 5 inimizades recíprocas. Quanto à sua estabilidade, observou-se uma inimizade estável (num total de 44 inimizades recíprocas) do sexo masculino e que se manteve ao longo de dois anos lectivos (dos 4 aos 5 anos).

## DISCUSSÃO

O objectivo deste trabalho foi verificar se ao existir estabilidade nas nomeações das crianças do pré-escolar e entre as medidas sociométricas, que são frequentemente utilizadas na área do desenvolvimento social das crianças (e.g.: Hymel, 1983; Bukowski & Newcomb, 1984; Busk et al., 1973; entre outros), se existe de facto estabilidade nas relações de amizades recíprocas das crianças do pré-escolar.

A consistência entre as medidas sociométricas e nas nomeações, medida específica deste trabalho, tem sido verificada por diversos investigadores no sentido de comprovar a fidelidade das medidas sociométricas quando aplicadas a crianças do pré-escolar e como método de investigação sobre as relações de amizades propriamente ditas. Em todos os estudos é verificado que existe consistência entre as medidas sociométricas (e.g.: Hymel, 1983; Bronfenbrenner, 1984; Peceguina, Castro & Santos, 2002) e em outros estudos, as medidas mostram-se estáveis ao longo do tempo, tal como aconteceu com o estudo de Wasik (1987) num intervalo de tempo de cinco meses numa população do pré-escolar, como igualmente se verifica, no estudo de Bukowski e Newcomb (1984), medidas estáveis ao longo de cinco momentos distintos de aplicação em crianças com cerca de 10 anos de idade.

Há ainda indicadores que apontam que a consistência das medidas começa a ser mais significativa e forte a partir de, principalmente, dos 4 anos de idade (Hymel, 1983, cit. em Wasik, 1987). Os resultados obtidos neste estudo indicam que existe consistência entre as medidas sociométricas, nomeadamente a comparação de pares e as nomeações, consistência essa que aumenta à medida que a idade aumenta. Ainda se pode verificar que existe consistência interna (nas medidas) e que esta é particularmente mais forte nas nomeações a partir dos 4 anos de idade. Esta consistência indica-nos que há estabilidade nas nomeações das crianças, revelando que as crianças que são nomeadas num ano também o são no(s) ano(s) seguinte(s).

O resultado de todas estas investigações revelam que as crianças são gradualmente mais precisas sobre quem são os seus amigos, pois o número de nomeações recíprocas

tende a aumentar, o que também se verifica neste estudo, o que pode significar que as crianças nomeam, possivelmente, cada vez mais as crianças que também as nomearam (Berndt & Hoyle, 1985; cit. em Peceguina et al., 2002). Esta reciprocidade que está na base das relações entre as crianças, tal como está a igualdade, permite à emergência de competências sociais, como a compreensão, a descentralização e a co-construção (Daniel, Santos & Peceguina, 2002).

Contudo nem todas estas amizades recíprocas se mantêm estáveis ao longo do tempo, ao contrário do que predica a estabilidade das medidas. Pois quando uma criança é nomeada de ano para ano, verifica-se estabilidade na medida, todavia esta nomeação pode não ter vindo sempre da mesma outra criança, condição necessária para se verificar a estabilidade das relações de amizade. Isto é, verifica-se estabilidade das relações das amizades quando as nomeações (recíprocas) às mesmas crianças acontecem ao longo de um determinado período de tempo. E neste sentido, os sociogramas permitem-nos fazer esta leitura (e muitas outras), tornando-se um instrumento complementar às nomeações realizadas pelas crianças e muito útil.

Howes (1988) verificou que a partir dos 5 anos havia mais amizades recíprocas estáveis tal como acontece num estudo de Vaughn, Azria, Krysik, Caya, Bost, Newell e Kazura (2000), em que verificaram que as crianças de 4 anos de idade tinham mais amizades estáveis do que as crianças de 3 anos. Estes resultados são consistentes com os resultados deste estudo, pois pôde-se verificar mais amizades estáveis a partir dos 4 anos de idade, contudo o número de amizades estáveis foi muito diminuto (7 amizades estáveis em 99 amizades recíprocas) ao contrário do que era esperado para um período de tempo de dois e três anos.

Mesmo que se tenha em consideração o número de crianças que tinham uma amizade recíproca e que por qualquer motivo tenha saído da amostra em questão, estas não foram em número suficiente (há um total de 16 saídas) para se ter um total consideravelmente mais significativo de amizades estáveis. Esta pouca estabilidade pode ser explicada pelo factor segurança. Segundo Howes (1983), as amizades fornecem à criança segurança emocional na ausência das figuras parentais de vinculação (Howes & Mueller, 1980; Ispa, 1981, cit. em Howes, 1983), contudo para as crianças do pré-escolar esta segurança não será tão importante, pois, devido a sua maturidade emocional, são

menos dependentes das amizades permitindo-lhes ser mais livres para explorar novas amizades.

Relativamente ao género, têm sido muitos os estudos que evidenciam que há uma clara preferência por parte das crianças em interagir, partilhar, brincar e, conseqüentemente, fazer e manter amizades com um parceiro do mesmo género. No pré-escolar esta tendência mantêm-se, tal como se pode verificar com os nossos resultados (10 amizades mistas num total de 99 amizades recíprocas) ou em outros estudos como os de La Freniere, Strayer e Gauthier (1984), Vaughn et al. (2000) ou Vaughn, Colvin, Azria, Caya e Krysik (2001). Esta preferência pode ser verificada tanto pelo jogo (Charleswoth & Hartup, 1967; Parten, 1933; Serbin, Tonick & Sternglanz, 1977; cit. em La Freniere et al., 1984) como pelas nomeações sociométricas, tal como o verificaram Marshall e McCandless (1957) e Morre e Updegraff (1964) (cit. em La Freniere, 1984) e tal como pode ser comprovado neste estudo.

Ainda a este nível, são as crianças do sexo feminino que têm tendência em ter mais amizades do que as crianças do sexo masculino. O que se pode observar nos resultados deste trabalho, pois tanto nas amizades recíprocas como nas amizades estáveis, são as crianças do sexo feminino que possuem mais amizades comparativamente com as crianças do sexo masculino. Tal pode ser explicado pelo facto das crianças do sexo feminino serem mais intensivas nas suas relações, por exibirem mais comportamentos pró-sociais (empatia, etc.). Mas de um modo geral, a preferência pelo mesmo género pode depender de diversos factores, desde o tipo de jogo/brincadeira, o aspecto, os comportamentos, entre outros.

As amizades são uma parte vital na vida de uma criança, pois vão lhe permitir adquirir uma série de competências necessárias para o seu desenvolvimento sócio-cognitivo e sócio-afectivo. É por isso que é do senso comum que fazer amigos, manter amigos e ser amigo são metas sociais importantes e um bom índice de competências sociais adquiridas durante a infância e a adolescência (Vaughn et al., 2001).

Por terem este papel tão importante, as amizades são um fenómeno muito interessante de estudar, desde a qualidade das amizades à sua estabilidade ao longo do tempo. Contudo, na idade do pré-escolar não são muitas as amizades estáveis que se podem encontrar, confirmando a característica das amizades de crianças desta idade de existirem mais amizades esporádicas ou temporárias e de curta duração do que amizades estáveis durante um longo período de tempo (superior a um ano). Todavia, não nos podemos esquecer que estamos a falar das amizades dentro do contexto de uma

instituição/escola, sendo que não se tem em conta as amizades exteriores a escola e logo, se estas existirem, poderão ser ou não amizades estáveis.

Os estudos sobre as relações de amizade têm sido, até hoje em dia, exaustivos. Todavia ainda se podem levantar muitas questões e problemas, não fossem os grupos um fenómeno dinâmico, complexo e multidimensional, que podem ser interpretados de modo diferente em função da sua estrutura, do seu contexto, da idade e do género dos membros do grupo, entre outros factores. Os nossos resultados permitem-nos verificar que em vez de relações de amizades estáveis, existem posições sociais suficientemente estáveis que permitem revelar estabilidade e consistência nas medidas sociométricas. A posição social é um fenómeno de qualquer grupo, contudo neste tipo de grupo, cujo idade dos membros é tão jovem (dos 3 aos 6 anos), leva-nos a questionar sobre a estrutura deste tipo de grupos, as características das crianças que detém essas posições sociais mais predominantes, as regras pelas quais o grupo se rege e se, num período de tempo mais curto, seria possível verificar mais relações de amizades estáveis.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bukowski, W.M., & Newcomb, A.F. (1984). Stability and determinants of sociometric status and friendship choice: a longitudinal perspective. *Developmental Psychology*, 20 (5), 941-952.
- Bukowski, W.M., Newcomb, A.F., & Hartup, W.W. (1996). Friendship and its significance in childhood and adolescence: introduction and comment. In W.M. Bukowski, A.F. Newcomb, & W.W. Hartup (Eds.), *The company they keep* (pp. 1-15). New York: Cambridge University Press.
- Boivin, M., Tessier, O., & Strayer, F.F. (1985). La coherência des choix sociométriques et l'évaluation de l'amitié chez les enfants d'âge préscolaire. *Enfance*, 4, 329-343.
- Daniel, J., Santos, A.J., & Peceguina, I. (2002). Relações entre a amizade e a competência social de crianças em meio pré-escolar. UIPCDE, ISPA.
- Dunn, J., & Cutting, A.L. (2000). Understanding others and individual differences in friendship interactions in young children. *Social Development*, 8 (2), 201-219.
- Farinha, J. (2004). Para um estudo das estruturas de relacionamento interpessoal em contextos educativos. Consultado em 25 de Janeiro de 2008 através de [www.uaig.pt/~jfarinha/activ\\_docente/sem-divdif\\_ei/Mat\\_ped/grupos\\_educ.pdf](http://www.uaig.pt/~jfarinha/activ_docente/sem-divdif_ei/Mat_ped/grupos_educ.pdf)

- Ferreira, M. (2002). *Organização afilitiva num grupo de adolescentes em contexto escolar – relação com a mudança de conhecimento e comportamento face a prevenção da infecção VIH*. Tese de Mestrado em Etologia. Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Hartup, W.W. (1983). Peer relations. In P.H. Mussen (Series Ed.), & E.M. Hetherington (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology: Vol. 4. Socialization, personality, and social development* (4th ed., pp. 104-190). New York: John Wiley.
- Hartup, W.W. (1996). The company they keep: friendship and their developmental significance. *Child Development*, 67, 1-13.
- Hartup, W.W., French, D.C., Laursen, B., Johnston, M.K., & Ogawa, J.R. (1993). Conflicts on friendship relations in middle childhood: behavior in a closed-field situation. *Child Development*, 64, 445-454.
- Haselager, G.T., Hartup, W.W., van Lieshout, C.F., & Riken-Walraven, M.A. (1998). Similarities between friends and nonfriends in middle childhood. *Child Development*, 69 (4), 1198-1208.
- Howes, C. (1983). Patterns of friendship. *Child Development*, 54, 1041-1053.
- Howes, C. (1988). Peer interaction of young children. *Monograph of the Society for Research in Child Development*, 58 (1), 1-88.
- Howes, C. (1996). The earliest friendship. In W.M. Bukowski, A.F. Newcomb, & W.W. Hartup (Eds.), *The company they keep* (pp. 66-85). New York: Cambridge University Press.
- Howes, C., Hamilton, C.E., & Philipsen, L.C. (1998). Stability and continuity of child-caregivers and child-peer relationship. *Child Development*, 69 (2), 418-426.
- Howes, C., & Philipsen, L.C. (1992). Gender and friendship. Relationships within peer groups of young children. *Social Development*, 1 (3), 231-242.
- Ladd, G.W. (1990). Having friends, keeping friends, making friends and being liked by peers in the classroom: predictors of children's early school adjustment? *Child Development*, 61, 1081-1100.



- Ladd, G.W., & Kochenderfer, B.J. (1996). Linkages between friendship and adjustment during early school transitions. In W.M. Bukowski, A.F. Newcomb, & W.W. Hartup (Eds.), *The company they keep* (pp. 322-345). New York: Cambridge University Press.
- Ladd, G.W., Kochenderfer, B.J., & Coleman, C.C. (1996). Friendship quality as a predictor of young children's early school adjustment. *Child Development*, 67, 1103-1110.
- La Freniere, P.J., Strayer, F.F., & Gauthier, R. (1984). The emergence of same-sex affiliative preferences among preschoolers peers: a developmental/ethological perspective. *Child Development*, 55, 1958-1965.
- Lindsey, E.W. (2002). Preschool children's friendship and peer acceptance: links to social competence. *Child Study Journal*, 32 (3), 145-156.
- Newcomb, A.F., & Bagwell, C.L. (1995). Children's friendship relations: a meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 117 (2), 306-347.
- Newcomb, A.F., & Bagwell, C.L. (1996). The development significance of children's friendship relations. In W.M. Bukowski, A.F. Newcomb, & W.W. Hartup (Eds.), *The company they keep* (pp.289-321). New York: Cambridge University Press.
- Moore, S., & Updegraff, R. (1964). Sociometric status of preschool children related age, sex, nurturance-giving and dependency. *Child Development*, 35, 519-524.
- Peceguina, I., Castro, R., & Santos, A.F. (2002). A coerência das medidas sociométricas de crianças em meio-escolar. UIPDCE, ISPA.
- Rubin, Z. (1983). Skills of friendship. In C. Pratt, R. Grieve, & M. Donaldson (Eds.), *Early childhood development and education. Reading in psychology* (pp. 25-33). Oxford: Basil Blackwell.
- Santos, A.F., Vaughn, B.E., & Bonnet, J. (2000). L'influence du réseau affiliatif sur la repartition de l'attention sociale chez l'enfant en groupe préscolaire. *Révue des Sciences de l'Education*, 26 (1), 17-34.
- Vaughn, B.E., Azria, M.R., Krysik, L., Caya, L.R., Bost, K.K., Newell, W., & Krazura, K.L. (2000). Friendship and social competence in a sample of preschool children attending head start. *Development Psychology*, 36 (3), 326-338.
- Vaughn, B.E., Colvin, T.N., Azria, M.R., Caya, L.R., & Krysik, L. (2001). Dyadic analysis of friendship in a sample in preschool-age children attending head start: correspondence

between measures and implications for social competence. *Child Development*, 72 (3), 862-878.

Wasik, B.H. (1987). Sociometric measures and peer descriptors of kindergarten children: a study of reliability and validity. *Journal of Clinical Child Psychology*, 16 (3), 218-224.

## ANEXO

### Sala MA A

<b>Amizades recíprocas</b>	<b>0405</b>	<b>0506</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Feminino</b>	09-12	22-10	5
	25-06	02-42 51-48	
<b>Masculino</b>	10-16	01-11	9
	08-23	01-08	
		01-17	
		17-11	
		11-16	
<b>Mistas</b>	12-16	-	2
	13-21		
<b>TOTAL</b>	6	10	16

Inimizades recíprocas	0405	0506	TOTAL
<b>Feminino</b>	-	-	-
	21-01	11-19	
	11-19	01-03	
<b>Masculino</b>		11-52	7
		08-52	
		08-50	
<b>Mistas</b>	-	-	-
<b>TOTAL</b>	2	5	7

## Sala MA B

Amizades recíprocas	0405	0506	0607	TOTAL
<b>Feminino</b>	07-37	07-37	59-53	
	07-26	37-15	07-35	10
	SD-15	15-07	26-38	
		36-38		
<b>Masculino</b>	41-47	40-04	80-04	
	44-42	04-41	04-32	15
	40-20	41-32	32-40	
	20-04	32-40	40-47	
	33-30		33-54	
	32-40			
<b>Mistas</b>	47-27		35-30	
	28-33	-	29-56	5
			36-53	
<b>TOTAL</b>	11	8	11	30

Inimizades recíprocas	0405	0506	0607	TOTAL
<b>Feminino</b>	-	26-35	26-63	3
		28-29		
<b>Masculino</b>	-	56-32	53-04	2
<b>Mistas</b>	44-SD	27-54	-	3
		15-41		
<b>TOTAL</b>	1	5	2	8

## Sala NA A

Amizades Recíprocas	0304	0405	0506	TOTAL
<b>Feminino</b>	19-20	19-24	27-22	
	20-22	19-20	27-24	20
	22-03	27-24	27-16	
	22-19	27-22	08-03	

	19-15	22-24	03-05	
	15-20	05-22	05-15	
		05-23	15-23	
<b>Masculino</b>	06-09	17-25	09-26	6
	09-25	25-13	10-52	
<b>Mistas</b>	-	07-10		1
<b>TOTAL</b>	8	10	9	27

<b>Inimizades recíprocas</b>	<b>0304</b>	<b>0405</b>	<b>0506</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Feminino</b>	03-07 14-16	05-15	23-05	4
<b>Masculino</b>	-	17-06	-	1
	16-17	27-18	15-09	
<b>Mistas</b>	02-06 02-09	08-18 07-13 05-01	15-13 27-13 27-01 27-52	12
<b>TOTAL</b>	5	6	6	17

## Sala NA B

<b>Amizades recíprocas</b>	<b>0405</b>	<b>0506</b>	<b>0607</b>	<b>TOTAL</b>
	31-43	<b>43-36</b>	36-47	
	<b>43-36</b>		44-14	
<b>Feminino</b>	36-31		44-30	12
	31-42		30-33	
	04-30		<b>43-36</b>	
	14-35			
	41-29	40-32	89-32	
		45-34	32-41	
<b>Masculino</b>		<b>34-29</b>	41-39	11
			39-89	
			<b>34-29</b>	
			40-29	
			40-34	
<b>Mistas</b>	43-37	40-42	-	4
	36-37			
	35-41			
<b>TOTAL</b>	10	5	12	27

<b>Inimizades recíprocas</b>	<b>0405</b>	<b>0506</b>	<b>0607</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Feminino</b>	-	48-14	04-48	2
<b>Masculino</b>	37-32	-	49-41	4

	34-49			
	49-46			
<b>Mistas</b>	48-39	04-34	42-49	
		47-37		6
		44-45		
		44-41		
<b>TOTAL</b>	4	5	3	12